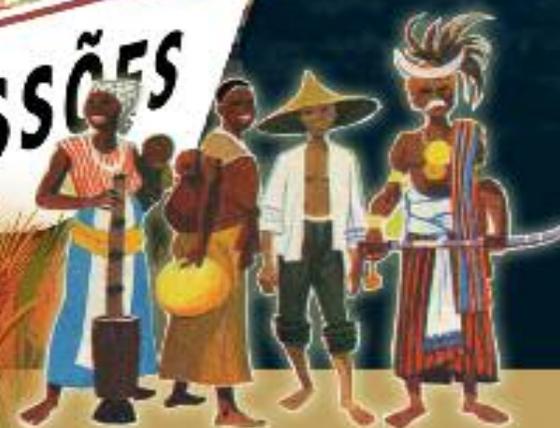


REFRIGÉRIO



© Juscelino de Almeida Filho

ANO 29 **NÚMERO 159**
OUT/DEZ 2015
ISSN 2182-6188



REFRIGÉRIO ONLINE

em <http://www.refrigerio.net/>



+ artigos, + fotos, + informação
uma paginação especial, com letra grande para + fácil leitura
no seu computador, tablet ou telemóvel



REFRIGÉRIO

**TEXTOS
PARA
FAZER
PENSAR**

PARTICIPE NO **PRÓXIMO
NÚMERO**

3º idade é o tema
que estamos
a preparar.
Envie as notícias
da sua igreja.

3º IDADE

TEMA DO PRO

XIMO NÚMERO

os fundos obtidos com a venda dos calendários revertem a favor do Departamento Missionário

formato
57X33 cm

4 modelos diferentes

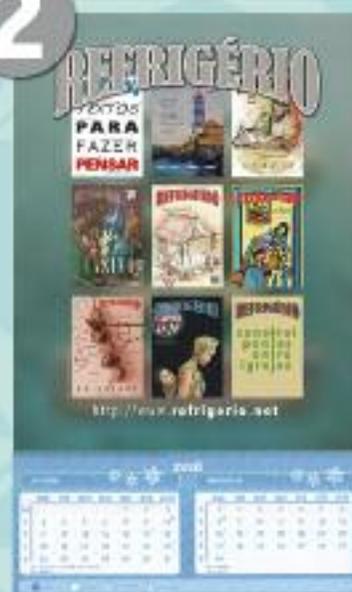
cada 3€
10 calendários 25€
encomendas superiores a 10 ex
portes grátis

CALENDÁRIOS DE PAREDE 2016

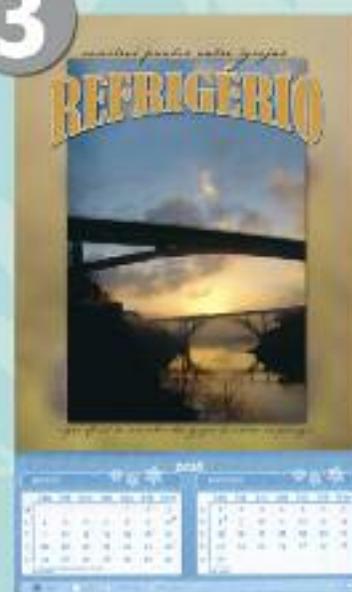
1



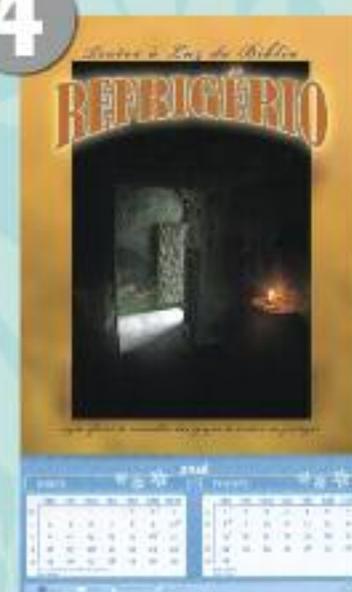
2



3



4



encomendas através do mail osvaldesign@gmail.com morada para envio e **pagamento prévio** por transferência bancária para a conta NIB 0035 2145 0001 7614 9309 2 com a especificação do destino do montante (calendários)

NOTA DE ABERTURA por Osvaldo Castanheira



Aquarela de Osvaldo Castanheira originalmente concebida para a Mocidade Para Cristo 1986

A O ENCONTRO DO LEITOR

ESTA REVISTA PODERIA SER DEDICADA AO TEMA “ENCONTROS”.

Encontro dos Irmãos na Aguieira onde cerca de 400 irmãos se reuniram para ouvir falar sobre terceira idade; **Encontro Galaico Português** promovido desde há dezenas de anos pela União Bíblica e que nos últimos anos tem contado com o apoio da COHAGA (Coordenadora de Assembleia de Hermanos de Galicia) e da CIIP, (Comunhão de Igrejas de Irmãos de Portugal). Também queremos que seja um local de encontro do leitor e da sua comunidade, com o tema Missões através dos artigos publicados neste número como por exemplo o **Encontro de Casais Com Cristo**

onde Sidnei Menezes afirma entre outras coisas que a percentagem de decisões públicas por Jesus é muito próxima dos 100% ou sobre a igreja como base mobilizadora e sustentadora de Missões da autoria de Normando Fontoura. Mas há muito mais para ler neste número: um texto em jeito de biografia escrito por Nani Pereira que fala do exemplo da vida de João Artur Correia Pereira e da sua “missão musical” que influenciou muitos de nós, vida essa que deu recentemente lugar a um **Encontro de Ação de Graças** na Igreja Evangélica de Almada (Castelo) pelos 60 anos de ministério, onde alguns depois de muitos anos sem contacto se puderam também **encontrar** para louvar a Deus através de hinos e coros especiais e carinhosamente testemunhar de duas vidas dedicadas ao Seu serviço. Poderá ler ainda sobre **o encontro** que alguns muçulmanos tiveram com Cristo na Alemanha onde o pastor Martens não só batiza, mas depois de três meses de discipulado, os ajuda com pedidos de asilo e de uma igreja que viu a sua congregação ir de 150 membros para mais de 600 em apenas dois anos. E que dizer do texto sobre a Santa Ceia onde são comparadas diversas opiniões sobre este tema mas em que se afirma sobretudo que a Ceia do Senhor funciona como uma mesa de **encontro de família** em que podemos desfrutar de comunhão uns com os outros e com o nosso Anfitrião, participando do rico banquete de bênçãos compradas para nós na cruz. Muitos outros artigos e notícias poderá ainda encontrar. Por último o mundo está à espera de si para missões, mas não se esqueça de um **encontro** com seu vizinho do lado, nem com aquele irmão que já não aparece na igreja há uns meses. Talvez também eles estejam à espera de si.



Mas sobretudo não deixe de pensar durante a já tão próxima época natalícia que se aproxima, no **Encontro de Deus com a humanidade** na pessoa do Seu Filho Jesus Cristo, que fazendo-se homem **veio ao encontro das necessidades mais prementes da humanidade.** 🏰

Feliz
com Natal
encontros
abençoados



+ de

1 milhão

Hoje, 22 de novembro de 2015
pelas 12h e 30m

o REFRIGÉRIO ONLINE conta
com 1.011.573 visitas.

www.refrigerio.net

divulgue entre os seus amigos



A IGREJA COMO BASE MISSIONÁRIA MOBILIZADORA E SUSTENTADORA

por Normando Pereira Fontoura
normando.fontoura@gmail.com



A ligação entre a Igreja local e o missionário é de suprema importância para o desenvolvimento e progresso da Obra



A O LONGO DA HISTÓRIA CRISTÃ
têm surgido muitos e encorajadores
exemplos de Igrejas locais que,
seguindo o modelo de Antioquia,
percebem o seu papel na História,
tornando-se bases mobilizadoras
e sustentadoras da Obra missionária
que Deus quer ver concretizada
em cada geração.



A **IGREJA EM ANTIOQUIA** serve assim como modelo missionário para todas as gerações. **E o bom exemplo começa pela liderança.** Cinco homens lideravam a enorme congregação, entre eles dois vultos de “grande peso”: Saulo e Barnabé. Logo se revela um espírito de abertura e solidariedade naqueles homens, quando dão ouvidos aos avisos dos profetas vindos de Jerusalém motivando a comunidade a participar generosamente num projecto de ajuda social aos irmãos de Jerusalém. Esta liderança não tinha um espírito de avareza - tão impeditiva do avanço da Obra de Deus e desqualificadora da própria função de líder! - mas estava atenta à voz do Espírito Santo e tornou-se responsável no seu compromisso para com as necessidades dos irmãos de outro país e etnia.

Uma das características marcantes nesta comunidade cristã era a sua visão, disponibilidade e pronta resposta às ordens de Deus. Um dos seus destacados líderes, Barnabé, um homem cheio do Espírito, percebia e discernia a graça de Deus, produzia muito fruto na Igreja local, revelando grande visão profética quando foi até Tarso à procura de Saulo, acreditando no potencial daquele que viria a ser um dos maiores missionários da História. E é essa poderosa “equipa de dois” escolhida pela liderança, em obediência à direcção divina para encetar um projecto missionário que alavancará o cumprimento da Grande Comissão. **A liderança da Igreja em Antioquia não reteve, mas disponibilizou o seu melhor,** percebendo o seu papel na História das missões, e mostrando o que uma só Igreja consegue fazer quando obedece prontamente aos desígnios de Deus.

Os líderes da Igreja em Antioquia perceberam quem era verdadeiramente chamado, dentro



do princípio de que aqueles dois “separados” para a missão internacional **já produziam fruto na sua comunidade local.**

O compromisso da Igreja em Antioquia para com os seus missionários é também um modelo para hoje: Compromisso pessoal e espiritual, assumindo responsabilidade pela vida e necessidades físicas e espirituais dos “enviados”. **A ligação entre a Igreja local e o missionário é de suprema importância** para o desenvolvimento e progresso da Obra missionária, para a saúde holística do missionário e sua família e para o enriquecimento da própria Igreja.

A expressão “**associar**” mencionada por Paulo em Filipenses 4:15 tem exactamente a ver com esta ideia de “partilha, participação” no que concerne a bens materiais, inferindo uma associação entre duas partes – neste caso a Igreja enviada e o(s) enviado(s) – pois pode também significar “parceria” - Romanos 15:27. **Esta “associação” entre a Igreja local e os seus enviados permite então uma comunicação transparente e regular entre ambas as partes,** o contínuo acompanhamento e a pronta satisfação das necessidades no campo através da partilha dos recursos financeiros fundamentais para a sobrevivência dos Obreiros e o planeamento de novos projectos missionários, em função da visão conjunta da liderança da Igreja e dos enviados, e dos recursos disponíveis para tal. Mais uma vez sobressai o modelo traçado pela Igreja em Antioquia: não apenas ela separou e enviou os seus missionários, como acompanhou com interesse os extraordinários avanços na Obra internacional através dos relatórios trazidos pelos missionários durante os seus períodos de “descanso” na base de envio: “Dali navegaram para Antioquia, onde tinham sido recomendados à graça de Deus para a obra que haviam já



•••

Esse sistema de associação e parceria é um modelo saudável que funciona plenamente em muitos países e que gostaríamos de ver incentivado no nosso, através dos esforços desenvolvidos pelo “Departamento Missionário”

•••



cumprido. Ali chegados, reunida a Igreja, relataram quantas coisas fizera Deus com eles, e como abrira aos gentios a porta da fé. E permaneceram não pouco tempo com os discípulos” (Actos 14:26-28; 18:22,23). Pode-se visionar aqui o início do programa missionário da Igreja, até mesmo a realização da primeira conferência missionária da História!

P RINCÍPIOS SAUDÁVEIS PARA A IGREJA LOCAL

Seguindo o excelente modelo e exemplo da Igreja em Antioquia e da sua liderança em particular, qualquer Igreja local deveria **1-** ser dirigida por uma liderança sadia, aberta à voz de Espírito Santo e visionária; **2-** desenvolver um programa missionário como Igreja individual ou em associação a outras que partilhem a mesma visão e objectivos; **3-** incluir o tema Missões na agenda da reunião de oração semanal, para tal procurando e recebendo informações regulares do campo missionário e seus Obreiros; **4-** dispôr-se a preparar, treinar, enviar e sustentar aquele(s) que Deus claramente chame para O servir; **5-** não ser impecilho para o mover de Deus na comunidade local, antes pelo contrário, encorajar e servir como elo de ligação entre o(s) Obreiro(s) e o campo missionário; **6-** acompanhar com interesse, preocupação e discernimento a conduta, produção e situação física, material e espiritual do(s) seu(s) enviado(s); **7-** estabelecer um orçamento anual específico destinado exclusivamente ao campo missionário e sustento dos seus Obreiros.

O facto de uma assembleia poder ter poucos membros não impede a concretização destes objectivos.



Quase todos poderão ser executadas por uma pequena Igreja só, outros necessitarão de uma parceria com outra(s) assembleia(s). Esse sistema de associação e parceria é um modelo saudável que funciona plenamente em muitos países e que gostaríamos de ver incentivado no nosso através dos esforços desenvolvidos pelo “Departamento Missionário” nas várias assembleias locais. Só dessa forma poderemos assistir a uma mudança eficaz e positiva na Obra do Senhor em Portugal e no mundo, especificamente através da implantação de novas igrejas, em obediência à Grande Comissão ordenada por nosso Senhor Jesus Cristo.





MISSÕES - UMA QUESTÃO DE SE IMPORTAR COM OS OUTROS

por António Manuel Marques

VIVEMOS NUMA SOCIEDADE EGOÍSTA, desde as nações que destroem alimentos enquanto noutras grassa a fome, a indiferença ante a miséria que vemos ao nosso lado na rua, sem esquecer a competitividade sem regras nos contextos profissionais; três exemplos entre muitos possíveis, de um ambiente que nos pode influenciar. Mas **II Reis 7:1-20** apresenta uma história diametralmente oposta, abordando duas mensagens de mensageiros fiéis, que não foram egoístas.

1

I - 1ª Mensagem

I a) Anúncio fiel (Vs 1 e 2)

I b) Resultado (Vs 17 a 20)

Eliseu não hesita em transmitir a mensagem que Deus lhe enviou, ainda que ela fosse estranha.

Ante uma escassez total de alimentos ele mencionava, que, no dia seguinte, iria haver abundância de alimento e a baixo preço, quando naquele dia, apenas a algumas horas de distância, a cabeça de um jumento, algo considerado imundo, e os pequeníssimos grãos deixados pelas pombas, custavam caríssimo. A vida era horrível e era anunciada a mudança radical em poucas horas, quem podia crer?

Um seu ouvinte (o importante capitão da confiança do rei) duvidou da mensagem e do poder de Deus, zombou mesmo da ideia; Eliseu, que antes não se inibiu de emitir tal mensagem, com a fé que tinha no Senhor, sem medo, garantiu-lhe que aquela era verdade, como se já tivesse acontecido, e qual era o castigo que lhe estava reservado por não aceitar. Isto é consciência de missão, **isto é obediência ao Senhor, isto é da mais absoluta fé.**

O poder de Deus veio a demonstrar-se real e o resultado foi que aquele homem morreu recebendo o castigo predito pelo profeta.

2

II - 2ª Mensagem

II a) Compreensão da realidade (Vs 3 a 8)

Os leprosos eram considerados imundos, desprezados e marginalizados pelo povo da cidade;



com a carência de alimentos existente, alguém se lembraria deles? Claro que não, o seu destino era a morte. No seu desespero e consciência clara do destino que lhes estava reservado, Deus usa a clareza do seu raciocínio para revelar o livramento que tinha providenciado para Samaria. Só eles poderiam vir a ser usados assim, porque só eles eram conscientes da realidade sem esperança em que se encontravam, eles não confiavam em alguma comida escondida por alguém dentro da cidade, eles não tinham muito a perder, eles estavam em condições de perceber a realidade da vida.

II b) Fidelidade para anunciar (Vs 9)

Eles, os desprezados, os marginalizados, deixados a morrer, podiam sobreviver e viver indefinidamente, com uma vida excelente, deixando os outros morrer dentro de pouco tempo. Era só deixar andar o tempo e teriam vingança, ou nem sequer isso, bastava não se importarem, pois nada deviam àquele povo, antes pelo contrário. Mas, na sua consciência, aquele era tempo de boas novas. **Tinham a solução para vida daqueles milhares do povo, importavam-se, e queriam dar-lha.**

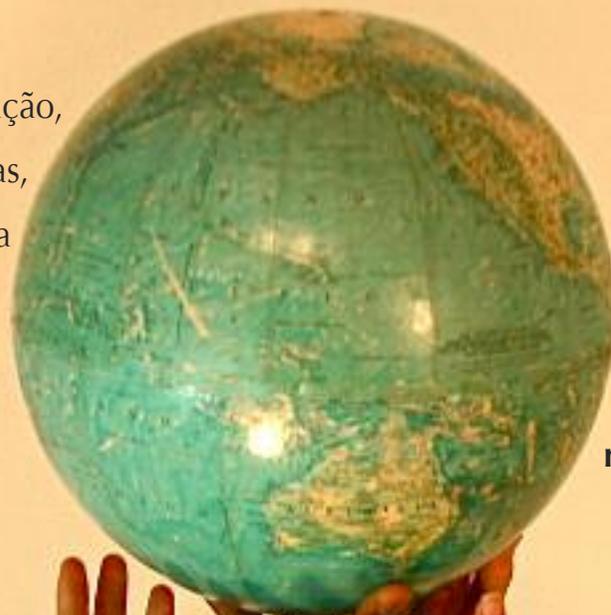
Outro aspecto curioso é que, para além disso, eles temiam receber algum castigo se não o fizessem. Mas que castigo, e vindo de quem? Não eram eles já os desprezados, que viviam fora da cidade?

Primeiro: que castigo maior do que a incurável e maldita lepra poderiam ter?

Segundo: quem os castigaria, se ninguém sabia nada deles nem se interessava, muito menos



Somos nós fiéis na resposta à nossa obrigação,
transmitindo a mensagem das boas novas,
aquela que pode impedir a perdição eterna



daqueles que caminham a passos largos
para essa perdição horrível? **Ou antes acha-**
mos que é mais importante a nossa vidinha?

imaginava ou acreditava sequer que eles estivessem a viver aquela situação?

Claro que **aqueles homens, mesmo vivendo uma doença horrível, acreditavam e temiam a Deus**, e, esquecendo todo o mal feito, foram anunciar as boas novas a quem não merecia mas precisava desesperadamente.

Leiamos agora Ez 33:7, 8 e 9. Esta a é verdade, não impende sobre nós a responsabilidade pelo resultado, mas somos inequivocamente responsáveis por anunciar.

II c) Resultado (Vs 16)

Todo o povo foi abençoado e salvo pelo serviço de quatro desprezados, por aqueles que tinham legitimidade para só pensar em si, mas que pensaram naqueles que os desprezaram, por aqueles que podiam garantir toda uma vida farta e rica mas preferiram pensar primeiro na sobrevivência dos outros, por aqueles que parecia já nada terem a perder, mas que mesmo assim temiam ao Senhor. O resultado foi magnífico.

EM SUMA: **A Ordem Missionária** - Marcos 16:15ss

A ordem (ide) é para todos, ninguém foi dispensado. Em Atos 8 vemos que não foram os brilhantes apóstolos a fazer a evangelização, esses ficaram em Jerusalém, mas sim os crentes anónimos, que saíram da Judeia até aos confins da Terra. É dever de todo o crente – evangelizar quem tem por perto e interessar-se também pelos que estão longe, em função do chamado do



Espírito Santo, direta (indo) ou indiretamente (suportando quem vai).

Somos nós fiéis na resposta à nossa obrigação, transmitindo a mensagem das boas novas, aquela que pode impedir a perdição eterna daqueles que caminham a passos largos para essa perdição horrível? Ou antes achamos que é mais importante a nossa vidinha? A nossa comodidade, os nossos bens, a nossa família? Etc.

Temos temor ao Senhor? Ou nem O conhecemos bem? Achamos que, como Ele é tão bonzinho, nunca vai requerer de nós o sangue daqueles a quem não dissemos nada?

■ Sejam os desprezados, os que não tinham obrigação; nós que a temos, **lembramos as boas, as maravilhosas notícias que possuímos**, o destino horrível da humanidade, e o temor ao Senhor, **e cumpramos a nossa missão, com amor e temor.**



O Encontro de Casais com Cristo ECC como instrumento de Missões

por Sidnei Menezes Pastor e missionário em Portugal

Fundador do Projeto "FORTALECE FAMÍLIAS"

O SÉCULO XXI JÁ SE CARACTERIZA como o mais desafiador para a Obra missionária. Ouvimos o ecoar das palavras de Jesus na Grande Comissão, mas percebemos também a igreja um tanto apática em cumpri-la.

Penso que o maior desafio não são recursos financeiros ou humanos, mas uma estratégia eficaz que consiga atrair o não-cristão e levá-lo a tomar uma decisão consciente por Cristo.



A **EPOIS DE TRABALHAR** há 25 anos com os ECC no Brasil e há 13 anos em Portugal, como missionário, posso dizer com muita segurança que este ministério é um dos mais eficazes para tal desafio. Neste tempo, tenho visto a percentagem de decisões públicas por Jesus muito próxima dos 100%, ou seja, quase todos aqueles que chegam ao ECC voltam com uma decisão tomada em favor de Jesus. Isto sem falar no sem número de casais que tiveram seus lares salvos da destruição. São muitíssimos testemunhos de casais que antes estavam em graves conflitos ou até mesmo já separados, que hoje estão juntos e felizes, vivendo um novo casamento, agora com Cristo. Se fôssemos medir os benefícios sociais disto ficaríamos espantados, mas podemos imaginar o que significa não haver custos com divórcios, pensões e até médicos e psicólogos, além de saber que milhares de crianças crescerão saudáveis, sem traumas ou desvios de comportamento que, infelizmente, acompanham tantos destes casos, trazendo também gastos elevados para os envolvidos e para o Estado.

Os ECC possuem eficácia por várias razões.

1 **A PRIMEIRA** apoia-se no facto de que a Família é a instituição divina mais importante, pois nela se apoiam a igreja cristã e a sociedade. Para o resgate do homem, Deus conta com a família para abrigá-lo dos ataques do Inimigo e do mundo, e vemos isso na diferença entre aqueles que a possuem e nela encontram suporte e naqueles que não a possuem, indepen-



tenho visto a percentagem

de decisões públicas por Jesus

*muito
próxima
dos*

100%

The image features a large, bold black '100%' centered on the page. Inside the first zero, there is a silhouette of a man in a suit walking. Inside the second zero, there is a silhouette of a woman in a dress walking. The background consists of several larger, semi-transparent silhouettes of people in various poses, including a woman with long hair, a man, and another woman. The overall style is minimalist and uses a color palette of black, brown, and white.

dente desta conhecer a Cristo ou não. Acrescenta-se a mais valia dos valores morais elevados para as famílias cristãs que vivem em obediência aos ensinamentos do Mestre.

Assim, Deus é o maior interessado no resgate da família, proporcionando-lhe os benefícios antes planejados e que foram usurpados pelo Devorador.

2 A SEGUNDA RAZÃO que explica esta eficácia dos ECC está no padrão que o Criador deixou na Sua criatura. A Bíblia diz que fomos feitos à Sua imagem, conforme a Sua semelhança. Deus deixou no homem Sua marca, o desejo de obter o Bem, o desejo de vivê-lo no ambiente para tal planejado por Ele. Em suma, o homem, mesmo ateu, tem no seu coração o programa de ter uma família saudável e vê-la bem. Ocorre que o Mal, o pecado quebrou este padrão e o homem ao afastar-se de Deus, perdeu-se, mas no seu interior sempre haverá o desejo de reencontrar este elo. Por conta disso, quando se lhe apresenta uma esperança de ter uma família melhor, uma oportunidade de reconstruí-la ou aperfeiçoá-la, este se interessa. E ao perceber que em Cristo isto é mesmo possível, ele deseja este Cristo, e então se rende. Convém ressaltar que este padrão divino no homem está em qualquer cultura, em todos os contextos. Em todas as nações, etnias e povos, o homem anseia por uma família melhor. Assim, o Evangelho tem uma porta para levar a mensagem de salvação de Jesus, contextualizada àquela cultura.





“a família é uma ideia genial de Deus”

3 A TERCEIRA RAZÃO que percebo para a eficácia dos ECC é seu “modus faciende”. O trabalho e dedicação da equipa de trabalho e a criatividade, associados à surpresa daquilo que acontece nos ECC, impressiona e toca a sensibilidade de todos, mesmo dos mais resistentes. A surpresa é fundamental, pois ela derruba as poucas defesas que se formem, exatamente pelo facto dos participantes criarem uma expectativa do que os espera.

Muitas outras razões se poderiam citar, mas considero estas como as mais importantes.

Nestes 25 anos, no Brasil, milhares de pessoas conheceram a Cristo, e nestes 15 anos, em Portugal, os ECC levaram centenas de portugueses a se decidirem por Jesus.

Ainda temos visto este ministério dar frutos em Itália, Suíça e Espanha, aqui na Europa. Na América do Sul sei que chegou a vários países também.

Isto tudo porque “a família é uma ideia genial de Deus”.



MÚSICA PARA O MEU DEUS!

por *Nani Pereira*

Longe de saber que a Igreja Evangélica de Almada Castelo iria preparar um culto de ação de graças pela vida de João Artur Correia Pereira decidi pedir à sua filha Nani Pereira no princípio deste ano um artigo sobre a sua vida em geral e sobre a sua obra musical em particular. Cresci nos campos bíblicos da UB e nas suas reuniões mensais a cantar estes hinos e coros que tão esquecidos têm estado apesar do seu valor inestimável e que fazem parte do património imaterial da igreja evangélica em Portugal. Saiba alguém um dia valorizar condignamente este trabalho com a sua recolha e publicação em edição de qualidade. **Porque música também é uma Missão.**

Oswaldo Castanheira





1

No princípio

João Artur Correia Pereira nasceu em Lisboa no último dia de Julho de 1940, no seio de uma família cristã. Desde logo, os pais, Emília e Francisco, educaram o menino nos Caminhos do Senhor, tendo sido Apresentado ao Senhor pelo Pastor José Ilídio Freire.

Como membros da Igreja Evangélica de Almada (Castelo), desejavam mostrar ao seu menino o caminho do Senhor e o João Artur acompanhava-os sempre aos cultos na Igreja, e entoava os hinos, de pé no banco, entre o pai e a mãe, fingindo que sabia ler e cantar. A família morava numa casa antiga, bem grande, e tinha anexo uma pequena quinta, onde o pai e os avós maternos plantavam diversas espécies de vegetais e cuidavam dos frutos das videiras, figueiras, nespereiras, romãzeiras, damasqueiros, etc. Como os pais eram pobres, a mãe vendia estes produtos hortícolas às vizinhas para assim poder ajudar o marido, que mantinha no quintal uma pequena oficina de serralharia, onde trabalhava à noite, em horas extraordinárias, a fim de ter mais alguns escudos provenientes dos trabalhos que fazia.

Uma lição importante que o João Artur jamais esquecerá do pai, uma lição profunda de amor à família e de consagração ao Senhor: após o seu trabalho laboral em Lisboa, o pai regressava a casa pelas 18h e executava os trabalhos de serralharia até bastante tarde. Mas, nas noites de culto, interrompia o trabalho, jantava e iam os três ao culto, a pé, de Cacilhas para a Igreja. E não se faltava nem se chegava atrasado!

Uma lição importante que o João Artur jamais esquecerá do pai, uma lição profunda de amor à família e de consagração ao Senhor: após o seu trabalho laboral em Lisboa, o pai regressava a casa pelas 18h e executava os trabalhos de serralharia até bastante tarde. Mas, nas noites de culto, interrompia o trabalho, jantava e iam os três ao culto, a pé, de Cacilhas para a Igreja. E não se faltava nem se chegava atrasado!

A casa da família, em Cacilhas, era visitada periodicamente por uma senhora crente vinda de Lisboa, de seu nome Florinda. Pertencia à Igreja Evangélica de Santa Catarina e era uma crente muito fiel e dedicada ao Senhor. Vinha dar classes de escola dominical aos meninos vizinhos que brincavam na rua ou iam com ele brincar no terraço do quintal. Aí o João Artur começou a ouvir as histórias de Jesus. Era então ainda uma criança.







2 Os planos de Deus

Aos 6 anos foi para a escola pública, em Cacilhas, num edifício e os pais colocaram o mandamento bíblico em acção, levando o seu filho à Escola Dominical na Igreja, aos domingos, das 14h30 às 15h30m. Por esse tempo, este ministério cativava dezenas de crianças e de jovens. Era dirigido pela "menina Ide", de seu nome Edith Holden, e pelo "tio Luís", de nome Luís Paiva, que vinha de quinze em quinze dias. O Sr. Ernest Holden estava também presente para manter a ordem na criançada, percorrendo o corredor da Igreja com um longo ponteiro na mão.

Por essas alturas, a Igreja tinha uma missão evangélica no Caramujo (C. Piedade). O responsável pela Escola Dominical que aí se realizava era um crente, o Sr. Augusto Pereira. As filhas da D. Maria do Sr. Teodoro (minha futura sogra), a Edite e a Lisete, assistiam à Escola Dominical em Almada e iam algumas vezes também à do Caramujo.

O João Artur ia crescendo e ao atingir os seus 12-13 anos, começou a enganar os pais, dizendo-lhes que ia à Escola Dominical na Igreja, mas os seus passos eram dirigidos para a Incrível Almadense a fim de ver os filmes de desenhos animados, ou então ia ao campo do Ginásio Clube do Sul ver os jogos de futebol, a coberto de um vizinho chamado Miranda, dirigente desta Associação desportiva.

D. Maria Cândida apercebeu-se da situação e, num belo dia em que o João Artur a visitou na vivenda Bethel, onde morava, ela fez-lhe um convite que reconhece hoje, veio da parte de Deus. Disse ela ao rapazito adolescente: "Olha, o Sr. Augusto Pereira, precisa de pessoas para ajudar nas classes da Escola Dominical no Caramujo e tu, que já és um bom aluno em Almada, podias ir ajudá-lo, pois ele iria ficar muito contente". Com muita sabedoria fez com que o João Artur deixasse o cinema e o futebol aos domingos à tarde, e passasse a ir aos cultos na missão do Caramujo. O Sr. Augusto Pereira convidou então o rapazito a dirigir uma classe da Escola Dominical, já que ele conhecia muitas histórias da Bíblia e seu pai era ancião da Igreja em Almada. Começou então a ensinar os meninos da sua classe que "Jesus morreu na cruz para os perdoar e salvar". Na verdade, ensinava o que ainda não tinha vivenciado.

Quando o João Artur tinha 14 anos, na escadaria da sua casa, D. Maria convidou-o a ir ao acampamento da União Bíblica no Carrascal,



onde iriam também suas filhas Edite e Lisete. Mas, envergonhado como era e sem nunca ter saído de junto dos seus pais, recusou ir nesse ano. Em 1955, já com 15 anos, influenciado pelos outros jovens que tinham ido ao acampamento no ano anterior, decidiu ir com os outros jovens da Igreja. Tudo estava a ser maravilhoso, o convívio, as atividades juvenis, os cultos, etc., a tal ponto do João Artur ter perdido a vergonha e apreciar vivamente toda a vivência com os demais participantes. O responsável do acampamento era também alguém muito especial, disciplinador mas muito amigo da juventude. Era o Pastor Abel Rodrigues.

Os cultos eram realizados numa pequena capela, ao lado do acampamento com tendas. E todas as manhãs, tardes e noites, era anunciado o Evangelho. Na noite de 4ª feira, dia 24 de Agosto desse ano, a meio da semana campista, foi feito um apelo de decisão pelo Senhor Jesus. Os jovens já convertidos, foram convidados a sair da capela, para formarem uma roda no exterior e orarem pelos que tinham ficado dentro. Como sempre o "envergonhado", não saiu, não levantou a sua mão para decisão, mas ficou sentado no interior ao lado da porta de entrada da capela. O Ptr. Abel Rodrigues apelou aos jovens presentes para ajoelharem no chão e orarem.

Foi o momento mais rico, mais precioso, mais importante, mais emocionante para este jovem que, de joelhos no chão, cotovelos sobre o assento da cadeira e a cabeça apoiada entre as mãos, chorou muito. Ouvia uma voz soar ao ouvido e consciência, convidando: "dá-me João Artur o teu coração". Pelo outro ouvido segredava outra voz: "és um jovem, filho do ancião da Igreja e membro de uma família crente, não tomes qualquer decisão". Mas a primeira voz continuava a falar: "João Artur, eu morri na cruz por ti para te perdoar e salvar", enquanto a outra voz continuava: "tu és jovem, andas a estudar no liceu em Lisboa, tens muitos amigos, deixa isso para quando fores mais velho". Na sua consciência o nosso jovem interrogava-se: "mas eu até já dirijo uma classe da Escola Dominical e ensino que Jesus foi morrer na cruz pelos meninos, para que preciso eu de aceitar Jesus no coração?"

Continuava a chorar. Era uma luta: por um lado, estava a voz doce e amorosa do Senhor Jesus a chamá-lo para o Seu caminho, e por outro lado o inimigo, Satanás, não parava de afastá-lo do Senhor. Mas o momento crucial chegou, quando o João Artur afirmou, em oração, "Senhor Jesus, peço-te agora mesmo perdão dos meus pecados, aceito-Te como meu Salvador e desejo viver o meu futuro à tua disposição".



Depois ele regressou a casa, cheio de alegria e contou a sua decisão a seus pais, à D. Maria e ao Sr. Teodoro, ao Sr. Augusto Pereira e aos demais crentes na Igreja. Este foi o ponto de viragem de um jovem religioso que ainda não tinha Jesus em seu coração.

No ano seguinte, em Setembro de 1956, numa viagem de barco para Lisboa com seu pai, este lançou um desafio: "João Artur, não sentes o desejo de te batizares?". Ele nada respondeu ao pai, mas vindo para casa pensou e orou muito a Deus, tomando a decisão do "sim". Os anciãos de então, acordaram realizar brevemente um culto de batismos, já que a Igreja estava a viver um grande despertamento espiritual, com muitos jovens envolvidos no ministério do Senhor, e outros com decisões semelhantes à do João Artur. Foi assim que a 17 do mês de Outubro desse ano, uns 9 jovens foram batizados em nome do Senhor Jesus, num culto extraordinário de fé e amor, dirigido pelos Pastores José Freire e Abel Rodrigues.

Abriu-se uma nova perspectiva espiritual na Igreja do Senhor em Almada.



3 A vocação

Vivendo a fé no seu primeiro amor, o João Artur sentia que deveria fazer algo para o Senhor. Mas o quê? A pregação de um crente da Igreja das Amoreiras, Sr. Salvador Batalha, dessa segunda-feira, em Almada, dizia que todo o crente tem um trabalho na Obra de Deus, e, se algum dos presentes não soubesse qual era o seu dom, para orar muito ao Senhor, pedindo-Lhe a revelação dos Céus. E continuou anunciando que nos convertemos a Deus para O servir e esperar dos Céus a Seu Filho Jesus (1 Tess. 1:9-10).

Deveria ter cerca de 17 anos. Voltou para casa, sem os pais que ficaram na Igreja, e em casa ajoelhou-se e orou, orou muito, pedindo a Deus que lhe revelasse o dom para O servir no futuro. Isto passou-se em Setembro/Outubro de 1957. Em finais de Dezembro, foi com os pais passar uns dias a casa da sua tia Adelina, em Lisboa. Num pequeno escritório estava um piano onde as filhas tinham aprendido a tocar. Pediu autorização, e colocou os seus dedos sobre o teclado e, com o indicador da mão direita, tocou a melodia do hino "Noite de Paz", de ouvido,



roira



M. J. A. Correia Pereira
fi - el

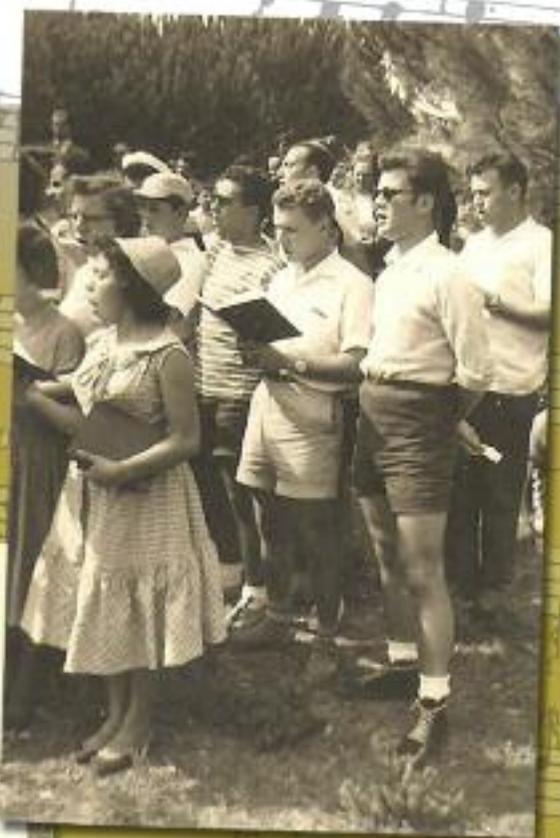
ora - ol

fi - el

ora - ol



meu Deus, sim E - le é
M. J. A. Correia
fi - el



ora, eu

ora - ol

fi - el

meu Deus, sim E - le é

fi - el



Com Du-o não

fi - el



Com Du-o não

fi - el



Deus é fi-el



Deus é fi-el



Deus é fi-el

El' Je - mais me dei-xa - ra.

e, está-se a ver, muito mal tocado. Já no Liceu Passos Manuel onde estava a estudar no 3.º ciclo, tinha aprendido umas quantas linhas da teoria da música.

Na Igreja, a Escola Dominical fazia alguns passeios aos arredores. O João Artur ia sempre e claro, cantava os coros com os outros adolescentes, crianças e jovens, mas sem música. Ficava muito triste, porque se cantava mal. A professora da Escola Dominical, a "menina Ide" era a organista na Igreja usando um órgão de fole, muito antigo. Mas nos passeios o que se poderia fazer? Lembrou-se então de comprar uma harmónica bocal, simples e barata, que na época era metálica e da marca "fado português". Com as semanadas que recebia da mãe, comprou uma harmónica que custou o equivalente a duas semanadas, isto é, 5 escudos (hoje, 2,5 cêntimos). Então ia para o fundo da quinta, e sozinho tentava aprender a tocar coros simples da Escola Dominical, como "Mais vasto que o mundo", ou "É sem igual".

"Passava muito tempo fora da alçada visual da mãe, pois ela não queria que tocasse e dava-me a seguir uma reprimenda bem grande, já que, segundo ela, eu tinha gasto dinheiro "mal gasto" e estava a viciar-me na música pela harmónica. Mas valeu a pena eu insistir na aprendizagem às escondidas porque aprendi a tocar bem, e a poder tocar hinos e coros diversos, mesmo nos cultos dos adultos".

A irmã Edith Holden passava anualmente períodos de tempo em Inglaterra, de visita a seus familiares, e ele ficava muito triste porque a igreja não tinha organista, mas como resolver o problema?

Veio então para trabalhar com a juventude da Igreja, o Luís António Pereira, que tinha sido campista com ele no Carrascal. Era organista e tocava muito bem o acordeão. Começou a colaborar nos cultos normais da Igreja, e a ensaiar o Grupo Coral que, entretanto, tinha sido reorganizado. E o João Artur procurava sempre estar junto ao órgão para ver como ele tocava o teclado.

Nessa altura, os estudantes tinham umas "férias grandes" escolares, desde meio de Junho até princípios de Outubro. Pensou então passar os dias das férias escolares dentro de um esquema original. Como morava em Cacilhas, após tomar o pequeno almoço, subia a calçada até à Igreja. Aí, sentava-se ao órgão, usando o hinário da música, e começava por tentar tocar a melodia dos hinos mais simples. Assim fazia desde o primeiro hino até ao último, tomando apontamento dos que ia aprendendo. Depois, voltava ao primeiro, e ia sempre acrescentando uns



quantos mais pela prática que ia adquirindo. Voltava a casa para almoçar. Depois regressava à Igreja e fazia a mesma sequência até à hora do jantar. E nos dias de culto, voltava após o jantar para a ele assistir. Foi assim durante todo o Verão. Tentou comprar livros de estudo musical a nível evangélico mas apenas obteve um na livraria Alegria, em Lisboa. Indagando aqui e acolá, encontrou o endereço de livrarias evangélicas no Brasil, para onde escreveu, e comprou vários livros de música (de estudo e de cânticos para usar nos cultos). Foi desenvolvendo os seus conhecimentos, tendo começado a ensaiar jovens da Igreja nos hinos a solo. A D. Maria tinha em sua casa um piano e, como ele já tinha começado a "namoriscar" a sua filha Edite, mas às escondidas, aproveitava ensaiar a Edite e sua irmã Lisete lá em casa, pois assim sempre podia estar um pouco na presença da namorada... sem dar muito nas vistas! A música estava a revelar-se como o dom de Deus no João Artur. Era a resposta às suas orações. Esforçou-se muito para aprender mas o Senhor ajudou-o ainda muito mais do que ele esperava.

Mais tarde, quando o missionário se foi embora, começou a pouco e pouco acompanhando os hinos durante os cultos, com o órgão, tendo para tal elaborado uma lista dos hinos que conseguia tocar, e que entregava aos irmãos anciãos que dirigiam os cultos. Ainda tem em seu poder uma das listas que elaborou nessa altura. Essa lista era permanentemente atualizada, com um crescente aumento de hinos.

Começou a usar a música durante as atividades espirituais levadas a efeito pela Juventude Evangélica de Almada e nos cultos da Igreja. Ensaiaava solos, duetos, trios, quartetos, chegando até a dirigir o Coral da Juventude, com grandes êxitos espirituais onde louvávamos e honrávamos o Senhor a Quem servíamos. E esta acção era dentro e fora da Igreja local.

Esta grande bênção vinha claramente do Senhor, e Ele o inspirava e ajudava grandemente. E desenvolvia-se maravilhosamente.

Entretanto, a responsável pela Escola Dominical partiu definitivamente para Inglaterra, tendo ficado a substituí-la um crente chamado Graça Fernandes. Mais tarde, em 9/4/72 o João Artur passou a ser o seu substituto como Superintendente da E. Dominical. Durante o seu "mandato" responsabilizou-se na organização do departamento nas suas classes, como ainda usava a música com o órgão no ensino das crianças e adolescentes. "Deus comandava a minha vida sem eu me aperceber".

Os jovens desse tempo tinham uma noção de servir a Deus, muito profunda e enraizada em sua vida. As actividades na Igreja ou fora dela,



tinham sempre prioridade sobre tudo o que fosse a vida pessoal, como aniversários, passeios com amigos, idas à praia ou ao campo, etc. Havia um envolvimento totalmente consagrado ao serviço do Senhor. Aprendeu a viver este caminho maravilhoso. No final da década de 50 e em toda a década de 60, a juventude da igreja estava bastante dinamizada e a própria Igreja bastante viva. Os jovens, praticamente todos, procuravam não faltar aos cultos, quer na Igreja central quer nas várias missões do Concelho, já que o Sr. Teodoro de Carvalho (futuro sogro) tinha uma visão missionária fantástica e foi precisamente ele que fundou as várias missões.

Fez o curso de engenharia electromecânica e terminou-o em 12/9/62.

Casou com a Edite de Carvalho em 16/6/63. Os Prs. José Freire e Abel Rodrigues dirigiram o culto matrimonial.

Em 11/8/63, iniciou a vida militar. Na época muito quente da guerra ultramarina, o Senhor o guardou de ser mobilizado e lhe deu uma especialidade onde muito poucos iam para África.

O Senhor o guardou de acidentes, lhe deu saúde, e nem uma bolha nos pés lhe apareceu pelo uso das botas da tropa.

No último ano como oficial miliciano, em 1966, o comandante do Batalhão, em Lisboa, permitiu trabalharmos em part-time. Escolheu a Companhia Carris, onde o pai trabalhava e durante todo esse ano, a manhã era para a Carris e a tarde para o quartel. Era uma grande bênção do Senhor. Quando passou à disponibilidade em Dezembro desse ano, foi aceite na Carris e integrado no quadro da empresa. Era adjunto do chefe das oficinas (um crence que era genro do pastor José Lino, e membro da Igreja dos Lusíadas em Santo Amaro). Muitas vezes, quando entrava no seu gabinete de trabalho tinha as notas diárias da U.B. sobre a secretária.

Interessante também foi passar a ser chefe do próprio pai, que era o mestre da oficina de caldeiraria, recebendo muitas vezes instruções suas para o trabalho. Sempre respeitou o filho como seu superior.



reira

M. J. A. Correia Pereira
O meu Deus, sim É - le é
fi - el

M. J. A. Correia
O meu Deus, sim É - le é
fi - el

sim, eu
crei



é fi-el

Deus é fi-el

Deus é fi-el

Deus é fi-el

Jé - mais ne dei-xa - ra.





4 União Bíblica / Igreja

Cerca dos 17 anos, o Pastor Abel Rodrigues convida João Artur para ser chefe de tenda, nos campos bíblicos do Carrascal onde não era usado o órgão...porque não havia! Um grupo de 3 ou 4 jovens dos mais velhos (Luís Pereira, Rute Hawes, João de Carvalho, Armando Santiago) acompanhava os cânticos com o acordeão. E ele via como eles faziam. Um dia estava a ensaiar a Edite e a Lisete na casa de seus pais, quando se falou num acordeão muito pequeno que eles tinham comprado para as filhas aprenderem a tocar, já que existia um piano em casa para elas aprenderem música. Colocou o acordeão ao peito e, timidamente, tocou numas teclas para ver o que dava. Foi entusiasmante! Pediu aos pais das pequenas se lhe deixavam levar o acordeão para casa o que lhe foi concedido. Ainda hoje o tem em casa, apesar de estar já bastante avariado. Procurou então tocar, tocar, tocar, sem desfalecer, fazendo bastantes progressos. O acordeão tinha um teclado como o do órgão e um outro de botões, coisa desconhecida para ele.

Procurou treinar os coros para a Escola Dominical em Almada e os que faziam parte da coleção de cânticos dos acampamentos. Ao fim de algum tempo de perseverança, o Senhor ajudou-o muito e, com a ajuda de um bom ouvido e agilidade de dedos, fez bastantes progressos. Mas só com o teclado, botões nada. Significava isto que só usava a mão direita.

Entretanto aconteceu uma situação inesperada nos campos da U. B., pois os acordeonistas acima indicados, um a um, não puderam ajudar mais e os cultos não pareciam vivos. Perguntou a si próprio e a Deus: "será que eu poderei ser útil com o meu pequeno acordeão?". Orava sempre muito antes das coisas acontecerem.

Informou o Pr. Abel Rodrigues de que poderia ajudar nos cânticos dos cultos de crianças, embora só com o teclado do acordeão. Ele ficou muito contente, pois além de chefe de tenda passaria a ajudar com a música. Mas informou-o que só tocava com a mão direita. E o milagre aconteceu. O João Artur estava sentado no início do primeiro culto, com o acordeão apoiado nas pernas, quando o diretor do campo anunciou o primeiro coro de crianças. Colocou o acordeão em posição de ação e começou a tocar com a mão no teclado. Sem saber como, levou a mão esquerda aos botões e tentou acompanhar a melodia. Nessa manhã, aprendeu o acompanhamento nos botões nos dois compassos mais usados, o bi-



nário/quaternário e o ternário. Desde então e até hoje, não tem problema algum no acompanhamento dos cânticos, com o acordeão. Sempre que a União Bíblica realizava os encontros mensais para campistas, ou os programados nas visitas às Igrejas locais, tocava sempre acordeão. Até era conhecido como o "senhor do acordeão".

Entretanto, no decurso de uma conferência da U.B. na Alemanha em 18-26/5/87, o secretário geral da U.B. naquele país, entregou-lhe um acordeão grande, praticamente novo, que um amigo da sua igreja lhe tinha entregue para oferecer ao acordeonista de Portugal, já que sua filha tinha desistido de aprender a tocar e nas equipas da U.B. pela Europa não havia quem soubesse tocar. Esse acordeão ainda hoje é usado no ministério da U.B. Claro que usava igualmente o acordeão no ministério da Igreja em Almada.

Um dia, em 1988, o Sr. José João, membro da Igreja local em Penha de França-Lisboa, e pai de um jovem campista do Carrascal, chamado Leonardo, ofereceu-lhe o acordeão em que o filho estudava música, para ser usado na Igreja. Outro caso interessante, uma vizinha crente, membro da Igreja em Almada, era casada com um comissário de bordo da marinha mercante, o Humberto Queirós sabia que eu tocava acordeão, trouxe após uma viagem, um acordeão grande, para lho oferecer, a fim de ser usado no ministério. Ainda também o tem em casa.

Estas coisas aconteceram por acaso? O Senhor nosso Deus e Pai não está a comandar todas as coisas na nossa vida? Oração e consagração à Obra de Deus, foram as atitudes melhores que tomou, pois desde o tempo da sua conversão, em agosto de 1955, que tomou por lema o texto do Salmo 37:5: "Entrega o teu caminho ao Senhor, confia n'Ele e Ele tudo fará".

Bom é amar e servir ao Senhor, porque Ele faz sinais e maravilhas em nossa vida.





5 Inspiração

Uma das inspirações do João Artur era a sua vida, a família, o que o rodeava, o que via e sentia.

Em 26/4/1964, nasceu Ana Isabel, a primogénita, seguida do João Miguel, em 16/3/1966 e da Helena Maria em 2/10/1968.

Pai sensível, extremoso e dedicado, os filhos foram sempre uma das principais inspirações. Compunha os coros infantis para o Carrascal a pensar neles. Afinal, se os filhos gostassem, as outras crianças também gostariam.

Ainda me lembro de o meu pai me chamar, estava sentado na sala de jantar, com as partituras espalhadas pela mesa e com o acordeão ao colo. Trauteou várias músicas e letras ainda não totalmente completas, e pediu-me a opinião, de qual gostava mais. Senti-me a menina mais orgulhosa e feliz, porque a música seria para os campos de crianças e ali estava eu a ouvir em primeira mão e a escolher!

Por volta de 65/66, a filha mais velha, Nani atravessou uma situação muito grave na sua saúde. Casados de fresco ele e a mulher, juntamente com os pais de ambos, também cristãos, e a Igreja, todos faziam contínua oração ao Senhor por ela. Um dia o João Artur meteu-se no carro do pai, um Fiat 1500, e foi até à Caparica. Sentou-se na muralha a contemplar o oceano e a pensar na vida e no problema da menina. Como era possível, nos tempos iniciais do casamento, sendo eles crentes dedicados, com pais crentes, estarem a viver este problema? Então veio ao seu pensamento um poema e, de seguida, uma música para ele. Escreveu num papel e foi para casa, procurar tocar no acordeão. Dizia assim:

Deus é fiel! Sim eu creio!, Deus é Fiel! Sim eu creio!

Com Sua mão me guiará... , Deus é Fiel! Ele jamais me deixará!

Isto lhe deu a total certeza de que o seu Deus iria cuidar da sua filha e ia torná-la muito feliz em toda a sua vida. E isto tem acontecido.

Os crentes da Europa que vinham a Portugal gostavam de tal maneira deste coro que quando o João Artur ia às Conferências da UB, projetavam o coro e todos cantavam, acompanhados pelo acordeão. Mais tarde, o coro seria traduzido para francês por Claire-Lise de Benoît e cantado em várias partes do mundo.



Compôs também coros e hinos para adolescentes e jovens a quem ia ensinar a cantar a vozes, durante a semana, para cantarem no Dia de Visitas, no último domingo do Campo.

Os anos de 1969 e 1970 marcaram o início das suas composições musicais para o Hinário da União Bíblica e não só. Compôs o Hino da Juventude Ev. de Almada, e muitos outros cânticos para solos e duetos, que conserva em arquivo.

Sem ser um expert em música, sentia-se apenas o instrumento nas mãos divinas. A inspiração vinha do Senhor, na concretização do dom que Ele lhe tinha dado, como resposta às orações que Lhe dirigiu. O Hinário da U. Bíblica possui na maior parte os seus originais vindos da parte de Deus. Em 21/2/84, num período de grande dificuldade da sua vida, o João Miguel em casa disse ao pai na cara: "optei por seguir a minha vida e viver antes com os meus amigos, pois não suporto a casa dos pais". O pai foi para a varanda de casa e viu o filho sair rua acima. Começou a orar por ele, por si, pela família enquanto batia com os dedos no ferro da varanda. Veio à sua mente uma melodia simples que registou num papel. Imediatamente seguiu-se o poema que diz o seguinte:

"Lança os teus cuidados sobre o Senhor, / que Ele proverá dos Céus solução.

Lança os teus cuidados sobre o Senhor, / e Ele susterá o teu coração.

Lança os teus cuidados...lança os teus anseios / e vai repousar nas mãos do Salvador...

Lança os teus cuidados sobre o Senhor / E em teu viver terás gozo e paz!" (inspirado nos textos bíblicos de 1 Pedro 5:7 e Salmo 55:22).

E o Senhor Deus fez maravilhas! Em 1996 um abraço selou o amor entre os pais e o filho.

E tem sido a sua vocação e o seu grande amor a Deus que o tem amparado e livrado de vários acidentes graves: "o anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem e os livra (Salmo 34:7)" e o tem ajudado a ultrapassar a doença oncológica que o debilitou. Nas suas operações, orou "Senhor, a minha vida está nas Tuas mãos; com a Tua mão segura bem a minha e sê Tu o meu operador". Tudo correu maravilhosamente. A riqueza da experiência foi saber que a grandiosa família espiritual, quer da U. B. quer da Igreja, que o conhece e ama, orou muito por ele, em Portugal, em Espanha, França, Suíça, Alemanha, Bélgica, Brasil, Canadá, Inglaterra. Merece a pena servir a Deus!





6 Música: colaborações várias

Colaborou num projecto comum do G.B.U., da Mocidade para Cristo, da União Bíblica, das Igrejas dos Irmãos e de outros. Consistia em estudar a possibilidade de se imprimir um Hinário que fosse comum a todas as denominações e Organizações evangélicas. A primeira reunião foi no Cenáculo da Mocidade para Cristo, na R. S. Nicolau, em Lisboa.

Participou na Escola Bíblica da Ciip-sul, em Omeca e depois no Beato, apresentando a disciplina de música e seu uso correcto nos cultos.

Dirigiu na Igreja local um curso de música, tendo como fruto uma organista para a Igreja do Seixal. Um segundo curso, mais recente, não teve frutos até hoje.

Em 1972, decorreu em Almada, uma Campanha de Evangelização com o Dr. Jayro Gonçalves, no Salão de Festas da Incrível Almadense. com a colaboração das igrejas de Almada (Castelo), Torcatas, Omeca. Feijó e Alcaniça e dirigiu o Coral da igreja nos diversos cultos da Campanha.

Formou com os Irmãos António Dias e José Carlos Osório o De

partamento de Promoção do ministério da U.B. em variadíssimas igrejas locais e interdenominacionais, onde tocava acordeão, cantavam, pregavam e apresentavam a literatura.

18/5/76 - inicia-se na Comissão Nacional, um plano extraordinário, que consistia na formação do Hinário da U. Bíblica, com a maior parte dos cânticos de sua autoria, na letra e na música, sempre inspirados por Deus.

Março/87 - apareceu em público o referido Hinário, depois de o ter apresentado previamente à Junta Administrativa e à Assembleia Geral, em 15/3/87 e 28/3/87 respectivamente.

Escreveu hinos para serem cantados a vozes pelo Coral da Igreja.

O Hino "Se Deus é Por Nós" foi em co-autoria com o Pastor José Ilídio Freire.

Muitos originais ainda estão na gaveta, uns feitos para a União Bíblica, outros para a Igreja. Uma vocação e inspiração vindas do Alto!





7 A chamada para a Obra de Deus

Sempre cooperou nos campos bí-

blicos e demais actividades do trabalho.

Como voluntário no ministério da U.B.:

1955 - conversão

1957 - convidado para chefe de tenda no Carrascal

13/10/64 - entrou para a Comissão Nacional

27/1/66 – entrou para a Junta Administrativa

23/2/70 - foi escolhido para presidente da Junta Administrativa

7/4/84 - na Assembleia Geral realizada em Coimbra (Igreja do Nazareno) foi proposto pela Junta o convite formal para ser o Secretário Geral, sendo a proposta aceite por unanimidade.

10/2/85 - deu-se o convite directo do Conselho Europeu da U.B., após um jantar num restaurante do Ginjal, por parte dos Srs. Philippe Décorvet e Nigel Silvester

15/3/86 - foi nomeado oficialmente o sucessor da A. Rodrigues no seu cargo

28/3/87 - considerado particularmente como o novo Secretário Geral

1/4/87 - pediu oficialmente, por escrito, a demissão como funcionário da Siderurgia Nacional, de modo a ficar desvinculado a partir de 1/6/87

1/6/87 - formalmente ocupa o lugar de Secretário Geral da U.B. em Portugal

9/11/87 - Culto solene na Igreja Presbiteriana de Febo Moniz para tomada de posse em substituição do Pastor Abel Rodrigues. O seu pai ficou doente nessa noite, pela alegria que o invadiu ao chegar a casa.

1/8/2005 - aposentação oficial.

8/10/2005 - culto de gratidão na Igreja em Almada, pelos 18 anos de ministério na Obra de Deus, organizado pela U.B.



ESCOLA DOMINICAL, uma fábrica de pensamento

Parte II por *Oswaldo Castanheira*

INTRODUÇÃO

Devido á sua extensão este artigo começou a ser publicado no número anterior e termina neste número. Desta forma temos:

- 1** - das metodologias próprias para cada idade, (no número anterior)
- 2** - dos materiais didáticos, (uma primeira parte no número anterior e o resto neste número)
- 3** - das questões pedagógicas, (neste número)
- 4** - Conclusões (neste número) e perguntas para reflexão (só aqui no RefrigériOnline).



2

Materiais didáticos a utilizar



Começo esta segunda parte do artigo com a mesma pergunta com que finalizei o texto do número anterior.

E PORQUE RAZÃO DESAPARECEU o flanelógrafo das nossas escolas dominicais? Que melhor meio didático de ensino de histórias bíblicas encontramos para o substituir?

Sim eu sei, as figuras eram tão “americanas”, Jesus era louro e de olhos azuis, as igrejas eram templos como não havia no nosso país, as crianças não tinham aspecto de europeus do sul, o traço do desenho já estava mais que desatualizado, etc, etc. Passou à história! Mas o que é que foi criado para o substituir?

Criei há algum tempo uma história protótipo para substituir esta falta, com figuras móveis, e que fomentam a atividade de grupo e a construção coletiva da história bíblica. Se um dia alguém se interessar pelo modelo vamos ver qual a reação das igrejas e sentir se se justifica continuar.

Mas, afinal, o que é um flanelógrafo?

A geração daqueles que têm agora 20 ou 30 anos não fará a menor ideia do que estou a falar.

Tecnicamente, um flanelógrafo é composto por uma superfície retangular rígida e leve, forrada de tecido, em geral feltro ou flanela, de cor escura – verde escuro ou



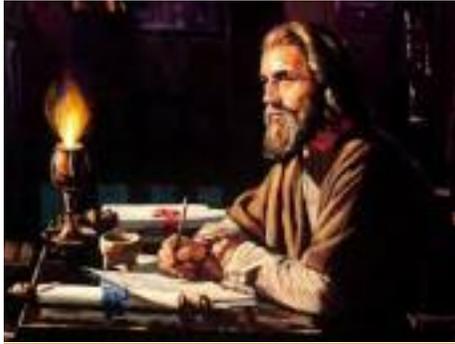


preto e de dimensões variáveis consoante o espaço em que é usado. Na superfície desta base são afixadas imagens, palavras, ou fotos que costumam ser plastificados para uma maior durabilidade. No verso do desenho é colado um pedaço de velcro ou uma simples lixa, que permite que o desenho seja fixado na superfície do pano. A estrutura simplificada do flanelógrafo permite que o educador tenha uma maior flexibilidade para trabalhar os mais diversos conteúdos. Esta característica faz com que haja um processo dinâmico de interações. De notar que até uma criança pode usar este meio como construção de narrativas.

A **S PRENDAS/recordações da escola dominical**

Em algumas igrejas no final do ano letivo, sempre foi costume entregar um prémio/ou simples recordação a todos os alunos e professores da Escola Dominical. Nos tempos idos, este prémio era sempre um livro. Ainda tenho alguns assinados e datados pelos meus professores de então. Gratas recordações. Entretanto os preços dos livros subiram de tal forma que as despesas começaram a tornar-se incomportáveis e os tais livros começaram a ser substituídos por outras coisas que ficavam mais em conta. Deixou de haver um elemento (livro) que marcava uma etapa na vida de cada um dos alunos. Sugestão: para uma possível resolução do assunto, pelo menos no que diz respeito às crianças, fazer uma compra conjunta para muitas das escolas dominicais das igrejas associadas da CIIP (as que quisessem aderir) de





3

Questões pedagógicas

forma a obter bons descontos e viabilizar a entrega de um “objeto” (livro ou poster) com significado para a vida dessas crianças, ou então se a quantidade o justificasse pedir a um artista de uma das nossas igrejas para criar um pequeno livro e com as vantagens que hoje temos da impressão digital, fazer uma pequena tiragem (por exemplo 300 exemplares) de forma a obter um preço razoável. Para isso é preciso que as igrejas se unam neste objetivo.

INÚMERAS QUESTÕES A ABORDAR

- a)** A criação de aulas mais dinâmicas, principalmente para adolescentes e jovens.
- b)** Falta de preparação das aulas, falta de busca e paixão pelo conhecimento;
- c)** Falta de espaço físico (salas pequenas e desconfortáveis, ou falta de sala para dividir os alunos por faixa etária). Uma sala de aula para crianças deve ter uma decoração que é sinónimo de ambiente favorável. (posters, trabalhos de alunos, desenhos, e cor, muita cor).
- d)** Confusão entre Ensino Bíblico e Sermão;

Vivemos na época da informação em que o ser humano se sente isolado e “afogado” no meio de tanta informação, algumas vezes falsa, outras tendenciosa, sem possibilidade de reagir ou fazer ouvir a sua voz. É o que acontece nos canais de TV, nos jornais, ou com muitas igrejas em que o vulgar crente é simples recetor de informação, sem a mínima possibilidade de expor a sua opinião ou pensar. Compete a





uma verdadeira escola dominical a grande responsabilidade de ser uma das raras oportunidades que o crente tem de dialogar, mas infelizmente até essa oportunidade de reflexão está a ser substituída pela vulgar mentalização doutrinária com lições, muitas vezes com base em traduções sem a necessária transculturação, que nada dizem da realidade que se vive de momento no país, e sem o mínimo respeito pelas várias culturas. Uma solução para o problema está em revitalizar a meditação e investigação bíblica e em voltar ao antigo método que Jesus ensinou, pois Ele, sempre que o número de assistentes o permitia, dialogava com os seus ouvintes, fazia perguntas para despertar o interesse e Ele próprio respondia e utilizava parábolas sempre bem integradas na cultura da assistência. Aos homens do campo, contava parábolas relacionadas com os trabalhos da agricultura e aos pescadores as parábolas já eram relacionadas com a pesca. Os nossos pregadores e professores de escola dominical, por vezes apresentam exemplos passados na América ou na Inglaterra, que foram buscar aos livros de ilustrações ou cada vez mais à internet, mas Cristo nunca apresentou nenhuma parábola passada em Roma, ou na Babilónia. Eram sempre casos ligados à vida real dos seus ouvintes.

Há que ter a coragem de substituir os assuntos tradicionais, geralmente apresentados nas escola dominicais e tantas vezes repetidos, por assuntos dos nossos dias, que tenham alguma coisa a ver com a nossa realidade. Há que ter a coragem de confiar na orientação do Espírito Santo através dos participantes numa verdadeira escola





dominical, sem que o “professor” tente controlar e orientar o debate no sentido de se chegar à “conclusão que vem na revista” ou à conclusão que ele quer, se não achar, que pensar é perigoso.

Talvez seja por isso que temos alguns “líderes” que não sabem aceitar as ideias ou opiniões dos outros, quer seja sobre um conteúdo bíblico, um visual mais “ousado” de um jovem, ou sobre uma ideia mais criativa para uma igreja ou organização evangélica.

Se numa igreja não existe grupo de jovens formalmente organizado então a classe de escola dominical de jovens deve ser orientada ainda numa forma mais dinâmica, algumas vezes até fora das quatro paredes da igreja. Porque não?

Formação de Professores é essencial

Por exemplo de dois em dois anos para aperfeiçoamento dos professores ou a publicação sempre que se justifique na nossa revista de textos e materiais dirigidos especificamente aos professores de escola dominical. Para os professores é importante encontrarem-se para:

- 1**- trocar impressões;
- 2** - experiências;
- 3** - materiais. Por tudo isto sempre que possível junte pessoas de várias igrejas.



F Conclusão



A Escola Dominical deveria ser uma escola de formação de pessoas aptas a discutirem assuntos relativos à Palavra de Deus, para terem segurança no que falam.

Os professores têm parte da responsabilidade no caminho que a Escola Dominical está a seguir, devendo preparar-se mais, envolver-se mais, estudar os materiais, e por fim o professor deve amar o que faz e o aluno que tem à frente, levando-o a participar, e a se interessar, seja qual for o assunto estudado. Um dos maiores desafios será criar nos alunos a necessidade do estudo da Bíblia para uma vida cristã saudável. A Escola Dominical é nada mais que o meio mais eficaz de aprendizagem da Palavra. São necessários professores capacitados que disponham do material didático adequado, aos quais a igreja tenha a inteligência para distribuir as idades certas dos alunos. Quando os alunos percebem que os professores não estão preparados, perdem totalmente o interesse, em especial os jovens e adolescentes que na verdade são os que mais sofrem com uma Escola Dominical ineficiente, ou mal preparada, pois eles não tem paciência para ficar parados ouvindo um assunto que não lhes interessa, não brincam como as crianças, com o tempo sendo preenchido por lápis de cor e papel. Pelo contrário, têm muitas dúvidas que deveriam ser exploradas pelos professores, com conselhos, mas sobretudo com aulas de perguntas (secretas se possível, com o auxílio de papel) e respostas. Iriam certamente surpreender-se com as perguntas! Uma sugestão inteligente seria não fazer aulas de escola dominical no modelo tradicional, mas sentarem-se à volta de uma mesa, ou em círculo e, onde todos têm a



Como
é?

Como é que um grupo que não sabe questionar, que não tem visão própria, defende a fé? **Como é** que este grupo vai viver como a Palavra ensina? **Como** vai evangelizar? **Como é** que vai poder explicar aos outros o que é Salvação, Segunda Vinda, Arrebatamento, Tribulação, Descida do Espírito Santo, Dons, Frutos do Espírito, Pecado, **entre outros pontos básicos que devemos ter definidos em nossa crença?** **Como é** que este grupo vai pensar a legalização do aborto, a homossexualidade, o empréstimo de dinheiro, a sexualidade, a fuga aos impostos, política e políticos, participação em manifestações, ação social, ecologia, casos de injustiça, insucesso, ou frustrações?





oportunidade de se expressar, respeitando a opinião de cada aluno, um diálogo justo entre professor/aluno, uma conversa franca em que o professor não tem medo das perguntas, não tem medo de reconhecer que não tem todas as respostas, em que todos juntos “fabriquem” respostas baseadas na Bíblia.

Uma escola dominical bem estruturada traz crescimento e conhecimento da Palavra para a Igreja. É do pé de feijão que nasce feijão. Uma escola dentro dos padrões formará alunos dentro dos padrões.

Devemos investir: investir não só financeiramente em materiais, mas, investir em tempo, preparo, e amor, neste trabalho que faz discípulos. Não procurar para o ensino, pessoas que já estão cheias de atividades na igreja, mas pessoas que amem o trabalho específico de ensinar, de fazer pensar.

Como é que um grupo que não sabe questionar, que não tem visão própria, defende a fé? Como é que este grupo vai viver como a Palavra ensina? Como vai evangelizar? Como é que vai poder dar uma explicação do que é Salvação, Segunda Vinda, Arrebatamento, Tribulação, Descida do Espírito Santo, Dons, Frutos do Espírito, Pecado, entre outros pontos básicos que devemos ter definidos em nossa crença? Como é que este grupo vai pensar a legalização do aborto, a homossexualidade, o empréstimo de dinheiro, a sexualidade, a fuga aos impostos, política e políticos, participação em manifestações, ação social, ecologia, casos de injustiça, insucesso, ou frustrações?



A REFORMA DEU-NOS UM LUGAR À MESA

por Kevin DeYoung



ilustração: Osvaldo Castanheira



Junto com a justificação, não houve questão mais ferozmente debatida durante a Reforma que a doutrina da Ceia do Senhor.

EMBORA OS REFORMADORES nem sempre concordassem entre si quanto ao significado da Ceia, eles estavam unidos na sua oposição à noção católica romana da transubstanciação. Usando as categorias de Aristóteles, os teólogos católicos ensinavam que a substância do pão e do vinho eram mudados, enquanto os elementos permaneciam os mesmos. Assim, os elementos eram transubstanciados nos verdadeiros corpo e sangue de Cristo, mas ainda permaneciam com a aparência externa de pão e vinho.

De acordo com o ensino católico, quando Jesus pegou no pão e disse “este é o meu corpo”, ele quis dizer “esse pedaço de pão é minha carne física, real e genuína”. Todos os reformadores concordavam em ridicularizar essa posição como absurda (John Tillotson, pregador do século XVII, foi o primeiro a especular que havia uma conexão entre a frase em latim *hoc est corpus meum* [“este é meu corpo”] e fórmula mágica *hocus pocus*). Protestantes têm concordado que Jesus estava empregando uma figura de linguagem no cenáculo. Assim como “eu sou o bom Pastor” não significava que Jesus cuidava de animais que fazem “mêê”, “eu sou a porta” não significava que Jesus funcionava com dobradiças, e “aquele que crê em mim... do seu interior fluirão rios de água viva” não significava que os discípulos iam jorrar H₂O por uma válvula; da mesma forma, “este é meu corpo” não significava que “esse pedaço é minha carne e osso aristotelicamente definidos” (1 Co 10.4).





• • •

Calvino acreditava que a Ceia era um banquete comemorativo, mas ele cria que também era um banquete de comunhão

• • •

Lutero e seus seguidores rejeitaram a transubstanciação, mas eles não rejeitaram completamente a real presença física de Cristo. Ao afirmar a consubstanciação, luteranos têm defendido que, embora o pão permaneça verdadeiro pão e o vinho, verdadeiro vinho, ainda assim a presença física de Cristo também está presente “em, com e sob” os elementos.

Uma terceira visão da Ceia do Senhor, chamada de visão memorial, é frequentemente atribuída a Ulrich Zwínglio, embora não esteja claro se isso captura todo o seu pensamento.



Nessa visão, a comunhão é simplesmente um banquete de lembrança. Não há nada místico e não há presença real para criar polémica. O pão e o vinho permanecem os bons e velhos pão e vinho. Eles servem como um lembrete do sacrifício de Cristo, um memorial à sua morte por nossos pecados.

A quarta visão - e, para mim, a visão correta - é normalmente associada com João Calvino. Calvino acreditava que a Ceia era um banquete comemorativo, mas ele cria que também era um banquete de comunhão. Ele acreditava numa presença real, uma presença espiritual real, pela qual nós nos banqueteamos em Cristo pela fé e experimentamos a sua presença por meio do ministério do Espírito Santo. Como o Catecismo de Heidelberg afirma, pela fé, “nós participamos do Seu verdadeiro corpo e sangue”.

Ninguém duvida que a Ceia do Senhor seja, pelo menos em parte, um memorial. Nós relembramos a Última Ceia e relembramos a morte de Cristo (1 Co 11.23, 26). E, quando relembramos sua paixão no passado, proclamamos sua morte até que ele venha no futuro. Mas a Ceia do Senhor é mais que mera cognição mental. 1 Coríntios 10.16 diz: “Porventura o cálice de bênção, que abençoamos, não é a comunhão (koinonia) do sangue de Cristo? O pão que partimos não é porventura a comunhão (koinonia) do corpo de Cristo?”. Quando bebemos do cálice e partimos o pão, participamos e temos comunhão com o corpo e sangue de Cristo. Somos unidos a ele e experimentamos uma profunda e espiritual koinonia com ele. Obtemos o alimento espiritual que vem dele (Jo 6.53-57) e, como crentes, unimo-nos ao redor dele (1 Co 10.17). Cristo está verdadeiramente presente conosco na Mesa.



Uma Refeição, Não um Sacrifício

TÃO IMPORTANTE QUANTO entender o significado da Ceia do Senhor é entender que é uma ceia o que estamos celebrando. O banquete sacramental é uma refeição, não um sacrifício. A última frase do parágrafo anterior é essencial, não somente por causa da primeira cláusula (sobre a presença de Cristo), mas também por causa da última palavra. Ao celebrar a Comunhão, nos achegamos a uma mesa, não a um altar. Dentre todas as redescobertas críticas da Reforma, é fácil ignorar a importância de recuperar a Ceia do Senhor como uma refeição pactual (não uma re-apresentação da morte expiatória de Cristo) com todos os elementos (pão e vinho) distribuídos a cada crente (não mais negando o cálice aos leigos). A Ceia do Senhor funciona como uma mesa de família em que podemos desfrutar de comunhão uns com os outros e com nosso Anfitrião, participando do rico banquete de bênçãos compradas para nós na cruz.

Eu temo que em igrejas demais a Ceia do Senhor seja ou celebrada com tão pouca frequência que é quase esquecida, ou celebrada com tal monotonia irrefletida que as pessoas a toleram, em vez de apreciá-la. A Ceia do Senhor deveria alimentar e fortalecer-nos. O Senhor sabe que nossa fé é fraca. É por isso que ele nos deu sacramentos para ver, provar e tocar. Tão certo quanto pode ver o pão e o cálice, assim também é certo o amor de Deus por si através de Cristo. Tão certo quanto mastigar a comida e beber a bebida é o fato de Cristo ter morrido por si. Aqui na Mesa a fé torna-se vista. Os simples pão e vinho fornecem segurança de que Cristo veio por si, Cristo morreu por si, Cristo está vindo de novo por si. Sempre que comemos do



pão e bebemos do cálice, não somente re-proclamamos a morte do Senhor até que Ele venha outra vez (1 Co 11.26), nós também nos re-convencemos a nós mesmos da provisão de Deus na cruz.

Não diminua os auxílios visuais preferidos de Deus – batismo e Ceia do Senhor – e passe direto para os vídeos, teatros e adereços que chamam a atenção das pessoas. Que erro pensar que esses “sinais e selos” serão de alguma forma tão eficazes quanto aqueles instituídos pelo próprio Cristo. Pastores que ignoram os sacramentos ou nunca instruem a congregação a entender e apreciá-los estão privando o povo de Deus de um tremendo encorajamento na sua caminhada cristã. Que bênção é ouvir o evangelho e também comê-lo.

É claro, este comer e beber deve ser realizado em fé para ser eficaz. Os elementos em si não nos salvam. Mas, quando os comemos e bebemos em fé, podemos ter certeza de que recebemos perdão de pecados e vida eterna.

Mais do que isso: nós recebemos uma imagem de nossa união com Cristo.

Ao comermos o pão e bebermos do cálice, temos comunhão com ele, não arrastando Cristo do céu, mas experimentando sua presença por meio do Espírito Santo.

Não cheguemos à Ceia do Senhor com fastio e baixas expectativas. Se derramar uma lágrima à Mesa, que não seja por tédio mas por gratidão e puro assombro e deleite.

“De joelhos em adoração, em gozo e paz sem fim, com gratidão hei de clamar: ‘Por que me escolheste a mim?’”.



O QUE CANTAMOS E COMO CANTAMOS HOJE

Com John Fletcher

CONCLUINDO O TÓPICO ABORDADO nas duas últimas edições do Refrigério, proponho que prossigamos a reflexão debruçando-nos sobre como cantamos nos cultos hoje. Conforme tem vindo a ser habitual incluo o índice anotado desta sequência de artigos.

ÍNDICE

- Intro -“Cantai-lhe um cântico novo, tocai bem e com júbilo”- publicado no nº 153
- Breve enquadramento histórico – publicado no Refrigério nº 154
- Os termos: Salmos, Paráfrases, Hinos e “Coros” – publicado no Refrigério nº 155
- Para que têm servido os cânticos – publicado no Refrigério nº 156
- O QUE CANTAMOS E COMO CANTAMOS HOJE
- parte 1 - O que tem sido usado ao longo do tempo - (publicado no Refrigério nº 157)
- parte 2 - O que cantamos - (publicado no Refrigério nº 158)
- **parte 3 - Como cantamos - (presente nesta edição do Refrigério)**
- Considerações e sugestões para melhorar - futuramente



COMO CANTAMOS:

Sobre este tópico pretendo abordar aspectos óbvios e outros menos óbvios presentes na forma como cantamos, ou relacionados com a forma como cantamos nos nossos cultos. E gostaria que reflectíssemos sobre os aspectos mencionados (assim como outros que surjam através do contributo crítico dos leitores) de uma forma aberta e sem preconceitos, sem passar por cima dos pormenores e aspectos implícitos, mas procurando entender a razão das nossas práticas. Para que assim possamos sabiamente preservar algumas práticas, abandonar outras e abraçar novas práticas, e em tudo sempre manter coerência com os princípios e fundamentos que contribuem para o desenvolvimento do Reino de Deus. Obviamente não será possível exportar tal reflexão na totalidade aqui, primeiramente porque necessitaria do contributo de todos, e em segundo porque as conclusões provavelmente não caberiam nestas páginas. Por isso peço que reflectam, e se possível que partilhem as vossas reflexões.

Por norma **o canto é monofónico** (isto é, toda a congregação canta a mesma melodia ao mesmo tempo, mas em oitavas diferente consoante a tessitura de cada pessoa). Esta é a forma mais fácil de toda a congregação participar no canto. Para conseguir cantar outras vozes é necessário ter o ouvido treinado. No entanto há nas congregações muita gente com o ouvido treinado, deveríamos tirar proveito desse facto?

Quase sempre cantamos **sem aquecimento** prévio das vozes, a não ser que já estejamos a cantar há algum tempo e entretanto a voz tenha aquecido.

Por norma cantamos **sem contrastes**, sem variedade de **dinâmicas** (forte, piano, crescendo,





foto: Osvaldo Castanheira

• • •

Cantamos
com empenho, como se
a nossa participação
fizesse diferença,
ou sem empenho como
se a nossa participação
não fosse importante
para o todo?

• • •

diminuendo), e pouca variedade de **articulações** (stacato, legato, etc...) **timbres, carácter**, etc. Frequentemente as **tonalidades escolhidas** são as que dão jeito aos instrumentistas e/ou dirigentes, não tendo em conta por norma o alcance de notas mais adequado à congregação específica. Isto frequentemente faz com que alguns cantem em esforço (para alcançar as notas agudas ou as graves).

Aprendemos os cânticos ao ouvir outros cantá-los durante os cultos, sem tempo destinado à aprendizagem correcta.

Por norma **cantamos de pé**. Esta posição ajuda a correcta utilização do diafragma, algo fundamental para uma boa técnica de canto. É também uma posição mais proactiva e adequada a momentos em que a congregação tem um papel mais activo e menos passivo. No entanto pode dificultar a leitura de textos projectados, especialmente por quem é mais baixo ou não consegue ficar de pé.

Em geral **cantamos quietos**. Algumas pessoas gostam de levantar as mãos em certos cânticos. Outros cânticos têm gestos e “coreografias” associadas, que por vezes são feitos por toda a congregação para enfatizar o texto (esta prática tem caído em desuso). Dois exemplos de momentos em que “coreografias” eram usadas: Em alguns cânticos para crianças aplicados nas Escolas Dominicais, e no cântico “É sem igual” 659 do hinário Hinos e Cânticos, que em algumas igrejas era cantado com a seguinte “coreografia”: cada indivíduo da congregação pegava na sua Bíblia e colocava-a debaixo de um braço, e quando cantava a palavra “Livro”, com a mão levantava a sua Bíblia bem alto e assim ficava até ao final da frase, colocando-a



de novo debaixo do braço para a frase seguinte. Duas razões porque nos habituámos a cantar quietos estão relacionadas com o facto de durante muitos anos a reverência ter sido um aspecto enfatizado e de a dança não ser considerada como uma forma de expressão reverente, nem digna de estar presente num culto.

Normalmente estamos todos **virados para o mesmo lado**, isto é, para a “frente”. Esta prática tem a ver com aspectos funcionais da disposição da congregação no salão de cultos. Porque não costumamos adoptar outra disposição quando o número de pessoas presentes num culto é muito reduzido?

Tempos houve em que não era permitido na igreja o uso de instrumentos além da voz humana, encarada como o instrumento criado por Deus. Nesse tempo nem o órgão era aceite (isto antes da Reforma Protestante) mas actualmente é comum o canto congregacional ser **acompanhado por instrumentos**. Com a crescente utilização de instrumentos eléctricos e/ou electrificados (em algumas congregações desde a década de 1960), e por estes instrumentos por norma necessitarem de **amplificação**, o som amplificado também passou a ser um aspecto habitualmente presente na forma como cantamos hoje.

Normalmente **os textos que cantamos são projectados** e muitas vezes com imagens de fundo, por vezes ilustrando o conteúdo por outras vezes distraindo a atenção. A prática de projectar os textos veio proporcionar que a congregação cante mais frequentemente de cabeça levantada (pois era comum segurar-se o hinário muito perto do peito e baixar a cabeça para ler o texto), mas em contrapartida veio reduzir a existência de livros de cânticos que muitas pessoas





Coloquemo-nos na pele
de um transeunte que passa à
porta da nossa igreja.
Como lhe soará o nosso canto?
Terá vontade de entrar,
ouvir mais e/ou participar?



levavam para casa e usavam durante a semana nos seus tempos devocionais e assim também decoravam os textos dos cânticos.

Alguns outros aspectos que apresentarei em forma de pergunta:

Quem acompanha quem? A congregação canta acompanhada e apoiada pelos instrumentos ou é a congregação que acompanha o/s dirigente/s e o/s instrumentista/s?

Por vezes ao dirigir e tocar já me aconteceu inadvertidamente passar “rasteiras musicais” à congregação de tal forma que não seria possível a congregação acompanhar-me a não ser que tivessem ensaiado todos comigo previamente. E também já me aconteceu o mesmo estando eu na congregação e sendo dirigido por outros. Na direcção de uma congregação é fundamental uma boa comunicação, com clareza no conteúdo e na forma de transmissão. Para isso é essencial ter em conta a forma como o outro interpreta o que foi transmitido.

Cantamos juntos ou ao mesmo tempo? Com uma perspectiva comunitária ou com uma perspectiva individualista? E com uma sonoridade coerente com a nossa perspectiva?

Cantamos **com empenho**, como se a nossa participação fizesse diferença, **ou sem empenho** como se a nossa participação não fosse importante para o todo? Quando sentimos a sonoridade da congregação toda a cantar com entusiasmo sentimo-nos contagiados e motivados a fazer parte do som cantando também. Mas quando não sentimos o entusiasmo da congregação (porque ele não está lá ou porque o volume da amplificação nem nos permite ouvir a congregação) muitas vezes desistimos de cantar.

Cantamos concentrados no conteúdo do texto e no som, ou em “piloto automático”? Cantar-



mos ou tocarmos o mesmo cântico inúmeras vezes da mesma maneira pode contribuir para fazê-lo em “piloto automático” e distraídos.

Cantamos muito ou pouco tempo nos cultos? O tempo dedicado aos cânticos pode contribuir para alcançar ou não o/s objectivo/s desejado/s. Por isso, ao planear um culto será importante definir também quais os objectivos pretendidos com os cânticos?

Se o objectivo for a participação da congregação em louvor e orações cantadas, com mais tempo de cânticos talvez o objectivo seja mais alcançado. Se o objectivo for preparar a congregação para a palavra pregada que se segue, um tempo de cânticos longo pode ter o efeito inverso.

Será que valorizamos o papel da música e ao mesmo tempo negligenciamos a sua execução?

Coloquemo-nos na pele de um transeunte que passa à porta da nossa igreja. Como lhe soará o nosso canto? Terá vontade de entrar, ouvir mais e/ou participar?

Estou consciente que uma congregação não é nem pretende ser um coro profissional, mas pergunto o que poderá ser feito para realçar e enfatizar o melhor que as congregações têm para dar. Conto apresentar algumas sugestões no próximo artigo.



O PAPEL DA MÚSICA NA *minha* IGREJA

REFLEXÕES

A pensar nos

- músicos,
- compositores,
- dirigentes de cultos,
- dirigentes de grupos de louvor,
- elementos de grupos de louvor,
- dirigentes e elementos de
- grupos corais ou musicais,
- estudantes de música,
- professores de música,
- ,
- ,

UMA INICIATIVA
REFRIGÉRIO
e CIIP-SUL



em breve mais informações

TODOS PODEM FAZER MISSÕES

adaptado de texto publicado originalmente pela Editora Cristã Evangélica

JÁ PENSOU EM SER MISSIONÁRIO? Se não pensou, saiba que Deus tem planos missionários para a sua vida. Pode ser onde está. Pode ser do outro lado do mundo. O lugar é com Ele. A sua parte é ter o coração pronto para obedecer. Vamos ouvir a voz de Deus?

1

FAÇA MISSÕES SEM SAIR DE CASA

Quando entendemos o nosso papel , começamos a perceber as muitas oportunidades que temos para servir ao Senhor. “Aproveitai as oportunidades” (Cl 4.5).

1. Minha casa, meu campo

As pessoas nas suas casas também precisam da salvação em Jesus. Mesmo que tenham nascido num lar cristão, precisam ser “evangelizadas” para caminhar com o Senhor, e pode ter o privilégio de aproximá-las cada vez mais do Pai.

a. Preparando

Já pensou em preparar os seus filhos para o campo missionário? Pode plantar no coração deles



o amor por missões desde pequenos, contando histórias missionárias, compartilhando a realidade dos povos sem Jesus e sem a palavra de Deus, contribuindo com missões. Nos nossos dias temos acesso a excelentes livros com biografias e histórias missionárias contadas para o público infanto-juvenil. Pode montar um cantinho especial no quarto deles, o “cantinho de missões”. Coloque um mapa do mundo com os países e marque o nome dos missionários nos locais onde atuam. Os seus pés podem nunca ter pisado um país, mas o irmão pode alcançar o mundo com seus joelhos, em oração. Orem como família, juntos; escrevam cartas aos missionários; estimule seus filhos a que escrevam para crianças da mesma idade. Não se esqueça de orar pelos amiguinhos dos seus filhos, que são o campo missionário deles. Coloque países, autoridades, famílias aos pés do Senhor. Clame a Deus por misericórdia. Alcance pessoas e nações a partir do sofá da sua sala. Faça missões!



b. Recebendo

Todo o missionário tem um período de visita às igrejas. Ofereça hospedagem, chame para uma refeição. Pode abençoar muito a família missionária, e sua família será grandemente abençoada também. É comum os missionários voltarem do campo esgotados e cansados, a precisar de amigos, refúgio, cuidados e férias de verdade. Os que têm filhos precisam de tempo como casal. Enfim, os missionários têm necessidades como todas as pessoas e, quando estão fora do campo, precisam recarregar as forças emocio-



nais e físicas, e renovar a visão. Aproxime-se, seja sensível. Abra seu coração e sua casa para acolher os que têm dado a vida no campo missionário.

c. Suprindo

Procure conhecer as reais necessidades. Temos a ideia de que missionários só precisam de dinheiro. O sustento financeiro é importante, mas não é tudo. Muitos precisam de palavras de encorajamento, cartas, bons livros, bons louvores e, com certeza, de oração. O irmão e a sua família podem fazer adiferença na vida dos missionários e respectivas famílias.

2. Minha casa, casa de Deus

Na igreja primitiva, os cristãos entendiam que tudo o que tinham, inclusive as casas, era para o serviço do Senhor. Os lares estavam sempre abertos para oração, comunhão e refeições At 2.42-47. A sua casa pode ser um local de refúgio para os vizinhos angustiados e corações abatidos. O irmão pode abençoar muitos com estudos bíblicos, em pequenos grupos. Gastamos muito tempo cuidando de coisas, mas o Senhor nos chama para cuidar de pessoas. Por isso é preciso planejar, separar tempo, convidar pessoas e investir em relacionamentos. Não precisa de ser nada muito elaborado nem caro. O objetivo é desenvolver relacionamentos e estar aberto ao que Deus quer fazer. Faça um bolo e chame algumas vizinhas para um chá à tarde, leia um texto bíblico, compartilhe a sua fé; ouça os outros. Busque as pessoas. Quando a igreja primitiva tinha a casa aberta, “acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” At 2.47.

3. Minha casa, minha vida, tudo o que é meu



Para abordar as necessidades do campo missionário, oferece-se ao cristão uma escolha entre três opções: orar, ir ou contribuir. Mas a Bíblia não coloca essa divisão; somos chamados a fazer as três coisas, e uma não exclui as outras! Se o nosso coração estiver em missões, nossos joelhos estarão dobrados, nosso testemunho alcançará pessoas e nosso bolso estará investindo no que é eterno! Mt 6.19-21.



a. Sobras para o Senhor?

A nossa cultura tem o costume de dar para missões aquilo que não queremos. Com muita tristeza, missionários recebem roupas rasgadas e completamente fora de moda, medicamentos vencidos, brinquedos quebrados, livros rasgados e por aí fora. A obra missionária não deve ser feita com os restos, mas com aquilo que revela o amor do Pai. Em I Crônicas 21.23-34, Davi recusa-se a dar ao Senhor algo que não lhe tivesse custado nada. Ele queria pagar o preço, investir! Davi era generoso com as coisas de Deus, e o povo seguiu o seu exemplo, dando voluntariamente e liberalmente ao Senhor 2Cr 29.9.

b. Dar é melhor que receber At 20.35

Esse não é o estilo de vida do mundo, mas é o ensino do Senhor. É uma questão de mordomia: tudo o que temos vem de Deus e deve ser usado para Sua glória! Só aprendemos que dar é melhor quando começamos a dar, a dividir, a oferecer. Experimente e veja o resultado!



Já tinha parado para pensar que missões começam em casa? Consegue abrir as portas de sua casa para servir os que estão servindo ao Senhor nos confins da terra?

2

EXPEDIÇÕES MISSIONÁRIAS

Hoje, o modelo atual de missões é o de Missão Integral, que vê a pessoa em todas as suas necessidades e abre portas para muitas opções de ministério. Cuidado: Ação Social não é um pretexto para se pregar o Evangelho! Em muitos casos, a própria pregação do Evangelho é a maneira de dizer “Deus te ama tanto que quer te ajudar a viver melhor, diminuir teu sofrimento”. Jesus nunca disse ‘Deus te abençoe e foi-se embora. Ele curou os enfermos, libertou os possessos, curou os aflitos, tratou suas dores Lc 6.17-19. Ele deixou-nos o exemplo a seguir 1Pe 2.21. Entre ser missionário de tempo integral ou ficar na igreja, existe um leque de opções na obra missionária.

1. Missões de curto prazo

São expedições missionárias que contam com voluntários cristãos disponíveis em períodos de uma semana a um mês, como férias, por exemplo. Os voluntários inscrevem-se e são orientados quanto às tarefas que poderão executar. Esse modelo de missões geralmente é um trabalho de impacto, em que se concentra muita atividade em pouco tempo, e deve ter a retaguarda de uma igreja para o acompanhamento dos convertidos e discipulado.

a. Os pré requisitos

Além do compromisso com o Senhor, alguns requisitos são necessários. O voluntário ou mis-



sionário estarão em culturas diferentes (mesmo dentro do seu país). É preciso ter disposição para se adaptar ao clima, à alimentação, às condições de hospedagem, ao ritmo de trabalho, às estratégias de evangelismo. É importante verificar os cuidados de saúde para a região para onde vai, como vacinas, por exemplo. É necessário respeitar a realidade que encontramos; não diminuir as pessoas; não fazer piadas com as diferenças entre a sua cultura e a do “outro”; estar disposto a demonstrar amor, apesar das diferenças!



b. As expectativas

O perfil dos voluntários em missões de curto prazo é bem variável. Apesar de todas as orientações, não é raro encontrar aqueles que chegam mais interessados em conhecer novos lugares do que pregar o evangelho. Outros acham que é algo como retiro da igreja, acampamento. Outros ainda acham que são algum tipo de super-herói cristão, um Indiana Jones missionário. As motivações podem ser diferentes, mas é certo que Deus trabalha em todos os lados: nas pessoas que recebem a atenção e nas que se dispõem a servir. Em cada vida Deus tem algo pessoal a fazer, e Ele faz!

c. As limitações

É muito comum ser invadido por um sentimento de frustração frente às limitações. Temos a impressão que podemos fazer tão pouco ou quase nada, diante de tantos problemas sociais, económicos, familiares e ou espirituais. Nesses momentos, levante os olhos, olhe



para o Senhor e creia que Deus pode e usa o seu pouco, para alcançar e abençoar o outro. O pouco aos seus olhos, colocado nas mãos do Pai, transforma-se em muito.

d. As diferenças

Pode ser um grande desafio conviver e trabalhar ao lado de irmãos de outras igrejas, denominações, estados ou países. No início, as diferenças podem parecer uma barreira, mas se dermos liberdade à ação do Senhor, Ele pode-nos dar o sentido de unidade necessário e usar nossas diferenças a favor de Sua obra.

e. O retorno

Voltar à rotina nem sempre é fácil. Ganha nova visão dos objetivos de vida, das bênçãos infinitas do Pai, da sua responsabilidade como cidadão e cristão. Não guarde tudo num álbum de fotos. Compartilhe o que viu, ouviu, viveu. Conte em sua casa, na igreja, trabalho, na escola. A sua tarefa a favor das pessoas que conheceu não terminou!

f. Os frutos

Gostamos de números, queremos ver mãos levantadas. Mas os frutos competem ao Senhor; a nossa parte é lançar a semente. Muitas vezes Ele nos deixa ver alguns frutos para não desanimarmos. Um planta, um rega, outro colhe, mas o crescimento vem de Deus! 1Co 3.6-7.

2. Profissionais e missões

Existe uma grande carência de profissionais que possam, por meio da sua profissão, demonstrar o grande amor do Senhor, cuidando do corpo, da mente e da qualidade de vida das pessoas. Em muitos países fechados à entrada de missionários, os profissionais cristãos são instrumentos



preciosos.

a. Assistência direta

Acontece quando a ação do profissional cristão atende a uma necessidade específica e pessoal, por exemplo: assistência médica, dentária, emissão de documentos, advocacia de pequenas causas, construção de casas, alfabetização, reforço escolar e tantas outras.



b. Assistência indireta/capacitação

Quando o profissional participa na capacitação da pessoa, viabilizando a oportunidade de recursos financeiros ou melhor qualidade de vida, por exemplo: curso de corte e costura, manicure, cabeleireiro(a), manejos agrícolas, criação de abelhas, hortas, culinária, artesanato, inclusão informática e outras.

c. A diferença

Assistência social por si só não é evangelismo. Muitas ONGs e entidades humanitárias fazem uma boa assistência social. A diferença na ação cristã é que além da ação tem a evangelização. O cristão não apenas atende as pessoas com amor (chama as pessoas pelo nome, olha nos olhos, senta-se junto, interessa-se, relaciona-se, etc.), mas também anuncia que Cristo morreu pelos nossos pecados 1Co 15.3-4.

d. Procure exemplos e opções





**o mundo está
à espera de si,
mas não se esqueça
do seu vizinho do lado,
nem daquele irmão
que já não parece
na igreja há
uns meses**



O testemunho dos profissionais fala alto, pois deixam seu conforto e trabalham duro, sem ganhar dinheiro. Voltam cansados, mas muito animados com o que viveram e receberam do Senhor. Muitas igrejas locais têm promovido dias especiais de atendimento, nos quais profissionais da igreja se mobilizam para atender às comunidades onde estão inseridos.

Outros ministérios funcionam como braços da igreja, atendendo a grupos específicos de pessoas, como: Mocidade Para Cristo, GBU (Grupo Bíblico Universitário), Mães que Oram, ações em prisões e hospitais e outros. Em situações de desastres naturais, ou atentados, a mobilização da igreja pode fazer a diferença.

Temos muitas opções e muito que fazer. Pedimos que o Senhor mande trabalhadores para a Sua seara (Lc 10.2). Está disposto a ir e fazer?

CONCLUSÃO

Grandes movimentos missionários começaram com poucas pessoas, pequenos grupos reunidos em oração mas que tinham em comum o desejo de cumprir a vontade do Pai. Faça o que está ao seu alcance. Comece em sua casa. Mantenha o coração disponível. Mexa-se, busque envolver-se. Verá maravilhas! Não há privilégio maior!



ENCONTRO NACIONAL DE IRMÃOS 2015

Sou Florbela Alves, tenho 48 anos e sou membro da IES. Tive a alegria e o privilégio da Salvação em Cristo Jesus na UB em 1998, num Acampamento Sénior. Sou grata ao meu Senhor e Salvador pelo Seu tão grande Amor por mim! Este ano, e pela primeira vez participei no Encontro Nacional da CIIP na Aguieira, em que, a Terceira Idade na Igreja e nos dias de hoje, foi o tema em debate, um tema bastante atual. Sensibilizou-me particularmente, porque acredito que um dos Dons que O Senhor colocou em mim e quer ver dar frutos, é amar e lidar com pessoas idosas. Sempre tive um carinho muito especial por estas pessoas e faço voluntariado há dois anos numa IPSS (não religiosa), que tem como objetivo principal o combate à solidão e exclusão do idoso. Neste sentido, o ter ouvido testemunhos e o debate final dos irmãos que na Aguieira expuseram este assunto, foi sem dúvida, muito enriquecedor para mim, pois aprendi mais do Senhor e de como lidar no meu dia-a-dia com esta faixa etária e sobretudo, como o fazer com pessoas que não partilham da minha fé, como abordar o Evangelho e como é tão necessário cuidar delas com zelo, muito carinho e simplesmente amá-las como Jesus nos amou a todos nós! Tocou o meu coração, o testemunho do irmão João Barros, como ele e a sua esposa viveram mais de 3 anos tão de perto com esta realidade num Lar também não ligado à Igreja. Foram-nos dadas várias dicas de como lidar e agir em várias situações e isso, foi muito bom, foi aliás, “uma resposta da parte do Senhor” a alguns dos meus receios e dúvidas e tudo o que ali ouvi, vai ser, de certeza absoluta, uma mais-valia no meu dia-a-dia. Gostei de conhecer e conviver com irmãos de várias Igrejas, e posso dizer que, nesse sábado, conheci mais alguns membros da grande família de que faço parte, a família de Deus. Foi um sábado abençoado e de refrigério espiritual. É para repetir no próximo ano, se Deus assim o permitir. “Tu te levantarás reverentemente diante de uma cabeça com cabelos brancos;

honrarás o velho e tratarás sempre com elevado respeito todas as pessoas idosas. Temerás o SENHOR teu Deus. Eu Sou Yahweh.”- Levítico 19:32 “Do mesmo modo, jovens, sede submissos aos mais velhos. E, todos vós, igualmente, tratai com humildade uns aos outros, porquanto, Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes.” - I Pedro 5:5







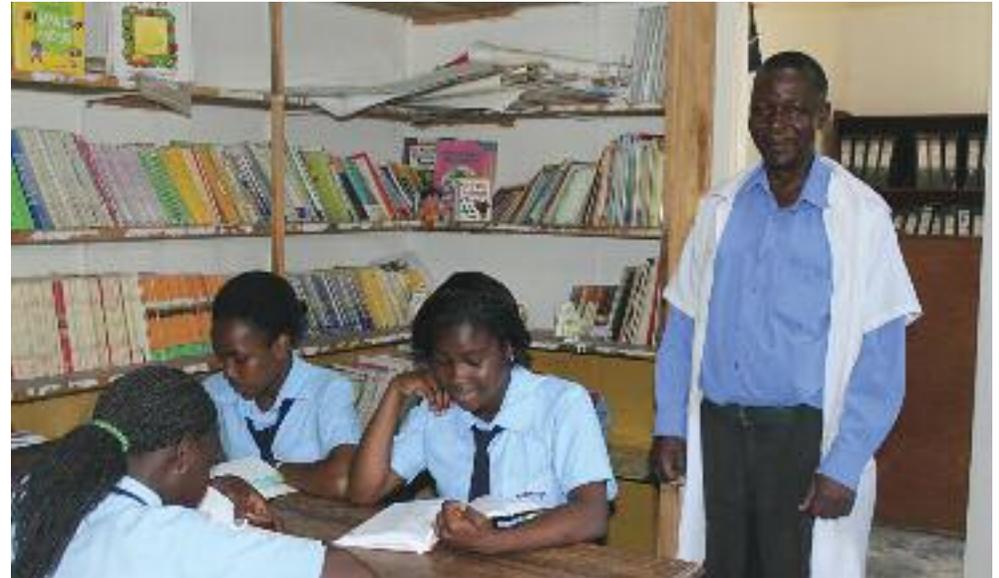
MISSÃO EM MANGA, BEIRA, MOÇAMBIQUE

Em 2013 uma quantidade de livros, que tínhamos juntado, foram enviados para Maputo, a capital de Moçambique. Eram estudos bíblicos e livros escolares, e foram enviados no contentor da Igreja Evangélica de Sintra. Depois de ter passado algum tempo é mesmo uma alegria podermos dizer que os livros estão a ser bem distribuídos graças a um grande esforço de uma nossa amiga missionária. A Kathy, que tem nacionalidade britânica, cresceu na Austrália antes de voltar a Inglaterra donde foi enviada para Moçambique para trabalhar com uma associação moçambicana de advogados cristãos.

Está a distribuir os livros entre igrejas e escolas no sul e centro do país, incluindo alguns advogados, e numa prisão para jovens. Os relatórios que ela nos manda sempre são positivos nas notícias que têm, e falam da grande gratidão que as pessoas manifestam ao receber a literatura, muitas das quais dizem que os livros são como ouro. Por favor orem por todos que recebem este material.

Os livros escolares estão a ser colocados em bibliotecas nas escolas onde podem ser consultados pelos alunos e professores. Ao mesmo tempo agradecemos a todos em Portugal que ofereceram os livros, incluindo a União Bíblica pelos estudos bíblicos e outro material, e agradecemos à Igreja Evangélica de Sintra pela sua grande ajuda em enviar a literatura. Também no princípio deste ano mandámos mais livros estudos bíblicos para Moçambique, através da Holanda. Todos foram para uma missão holandesa no norte de Moçambique chamada ESPANOR. Note bem: A missão ESPANOR está à procura de pessoas para irem ajudar na sua missão em prazos dum ano. Se alguém tiver interesse, por favor contacte-nos para mais detalhes - projectomoz@gmail.com

Christopher Hemborough





ENCONTRO GALEGO LUSO DA UNIÃO BÍBLICA 2015

Teve lugar no passado dia 17 de Outubro mais um Encontro entre irmãos da Galiza e de Portugal, promovido desde há dezenas de anos pela União Bíblica. Desta feita o Encontro foi realizado em Vigo, nas instalações da Igreja em Pi Margal. Apesar dos promotores destes encontros anuais, que se vão alternando entre o norte de Portugal e a Galiza, serem as Uniões Bíblicas de Portugal (Norte) e da Galiza, também nos últimos anos tem contado com o apoio da COHAGA (Coordenadora de Assembleia de Hermanos de Galicia) e da CIIP, (Comunhão de Igrejas de Irmãos de Portugal).

Na parte da manhã, reservado a obreiros, foi realizado um fórum sobre evangelismo, onde vários irmãos puderam partilhar das suas experiências, visto que vinham de contextos e lugares diferentes, e perspetivando também o que é mais importante nos dias de hoje para a divulgação do Evangelho.

Na parte da tarde realizou-se o Grande Encontro, cujo lema estava baseado em Tiago 1:22 “Sede cumpridores da Palavra e não somente ouvintes”. O programa foi muito abençoado com a participação do Grande coral de Marin, também da orquestra de câmara “Evangehlos” por parte da Galiza, e do “Coral Gerações”, de Algueirão, que foi o nosso representante e foi muitíssimo apreciado por todos (tendo, ainda, no dia seguinte participado num culto na Igreja em Seixo). A exposição da palavra esteve a cargo do irmão Mário Santos que desenvolveu o tema numa maneira sábia mas acessível a todos.

Foram dois autocarros de Portugal e mais alguns carros que tornaram possível mais uma vez esta comunhão entre crentes de países vizinhos mas que pertencem à mesma pátria celestial. Como habitualmente, no final houve um saboroso e variado lanche que a todos contentou.

Tem sido uma bênção esta comunhão entre irmãos de locais diferentes, mas que se amam no amor do Senhor, e que também se estimulam uns aos outros

nestes momentos de alegria fraterna. Vários dos responsáveis de Igrejas na Galiza têm sido convidados para participarem em eventos das Igrejas em Portugal (como o 1 de Maio em Poiães, Coimbra; aniversários de Igrejas, como Gafanha da Nazaré ou Foz do Douro; e até no Retiro Missionário 2014, em Esmoriz). A União Bíblica continua a ser o veículo para a realização destes Encontros, que começaram no tempo do Ir. Abel Rodrigues com o primeiro realizado no salão da A.C.M em Portugal, tendo, desde então, percorrido muito lugares. Se Deus permitir, o próximo Encontro será em Portugal, e respeitando a língua da Galiza, que os seus habitantes tanto prezam, será Luso-Galego (e não Galaico, que é castelhano). O objetivo continuará a ser o fortalecimento dos laços entre os diversos crentes e o engrandecimento do nome do Senhor e da Sua Preciosa Palavra!

Paulo Pina Leite





MISSÕES NO MINHO “PROFESSORES & MISSIONÁRIOS”

Sabia que existe um pequeno exército de professores, muitos dos quais não remunerados, que estão a trabalhar nas nossas escolas públicas? São autênticos missionários dando do seu tempo e recursos para levar a Palavra de Deus às escolas públicas. . . .” citação de Neil Mason, Diretor Nacional da OM-Portugal. Conforme citação, também concordamos que a escola é um dos mais importantes campos missionários (evangelização de alunos, professores e funcionários que trabalham nas escolas) que Deus abriu através da COMACEP e das aulas de EMRE no ano letivo 1990/1991. Desde o início do ministério da COMACEP, fomos convidados para sermos professores, delegados de zona e distrital no Minho (Distrito de Braga); estando sempre nas reuniões anuais de delegados regionais nas instalações da A.E.P. em Benfica (recentemente passaram a ser reuniões anuais regionais). Nestas reuniões anuais de Delegados Regionais recebemos informações atualizadas do Ministério da Educação e também recebemos materiais de divulgação para as escolas, pastores, líderes e missionários de cada Distrito.

Relativamente às aulas de ensino de EMRE em Fafe (antiga EB 2,3 de Montelongo e atual mega agrupamento de Montelongo/Revelhe), foi uma grande bênção do Senhor a Dália ter sido professora de EMRE da Abigail e da Miriam durante muitos anos como atividade extra curricular (não remunerada e isenta das reuniões com professores). Agora como professora de EMRE do Gabriel, a disciplina já é curricular e remunerada 1 hora semanal, apesar dos alunos estarem distribuídos por várias turmas, além das muitas reuniões não remuneradas com professores. Desta forma, com a turma curricular, aumenta ainda mais a influência cristã na escola, porque a Dália tem muitas reuniões na escola antes,

durante e depois de cada ano letivo.

Entre as muitas atividades evangelísticas que já foram feitas nesta escola de Fafe, destacam-se a distribuição de folhetos e calendários evangelísticos; festas de Natal; foram feitos e distribuídos cigarros de madeira, no Dia Internacional do Não Fumador (tinham uma mensagem do amor de Deus); campanha evangelística do livro Vida em Fafe e em Braga. Oferecer aos outros alunos flores feitas pelos alunos de EMRE no Dia das Mães para eles entregarem às suas mães com uma mensagem de que Jesus é o Salvador. Nas festas da Associação de Estudantes, foram convidados grupos evangélicos para participarem como a extinta banda evangélica do Porto One Reason. Outro impacto foi ter a escola inteira e até mesmo um agrupamento inteiro a celebrar o “Dia de Ação de Graças” (ou seja o “Thanks Giving”), colocando de lado o Halloween e recentemente o 1º Easter Camp.

Como Delegados da COMACEP também estivemos envolvidos no planeamento de duas reuniões em que participamos em Braga, para a Aldeia das Religiões em Braga, no âmbito da Capital Europeia da Juventude em que a AEP foi representada pela COMACEP através de nós naqueles 2 dias, onde levamos também jovens de Fafe com uma mímica e a banda MAKED de que a Abigail e Miriam fazem parte.

Além da divulgação e além do ensino, a Dália também tem a função de recrutar professores para as turmas de EMRE do Distrito de Braga e dar formação aos mesmos em Igrejas (Braga, em Guimarães e em Fafe), explicando o funcionamento das aulas de EMRE e dando apoio aos mesmos.

Oremos por mais professores que continuam a faltar e infelizmente muitas turmas são fechadas por faltarem professores que são verdadeiros missionários na escola pública. Apesar da falta destes missionários voluntários nas escolas



públicas (levam ao cancelamento de turmas extra curriculares), este ano letivo funcionaram 224 escolas (30 novas) com a disciplina de EMRE a nível nacional, 291 turmas, 140 professores (30 novos) e cerca de 1800 alunos.

Se não houvesse cancelamento de turmas extra curriculares de EMRE por falta de professores / missionários voluntários, esta estatística seria muito maior. Por isso, não desperdice esta grande oportunidade de ser um missionário na escola pública! O que fazer? É simples! Basta apenas entrar em contacto com a COMACEP (Comissão para a Ação Educativa Evangélica nas Escolas Públicas), aqui vão os contactos: 932870410 ou 932870411, ou 932870405 ou se vives nos Distrito de Braga contacta-nos: 253598928 ou 913641942, e disponibilizando-se para ser um professor numa escola bem perto de si.

Força! Grandes vitórias serão alcançadas no grande campo missionário que é a escola perto de si!

Miguel Castro



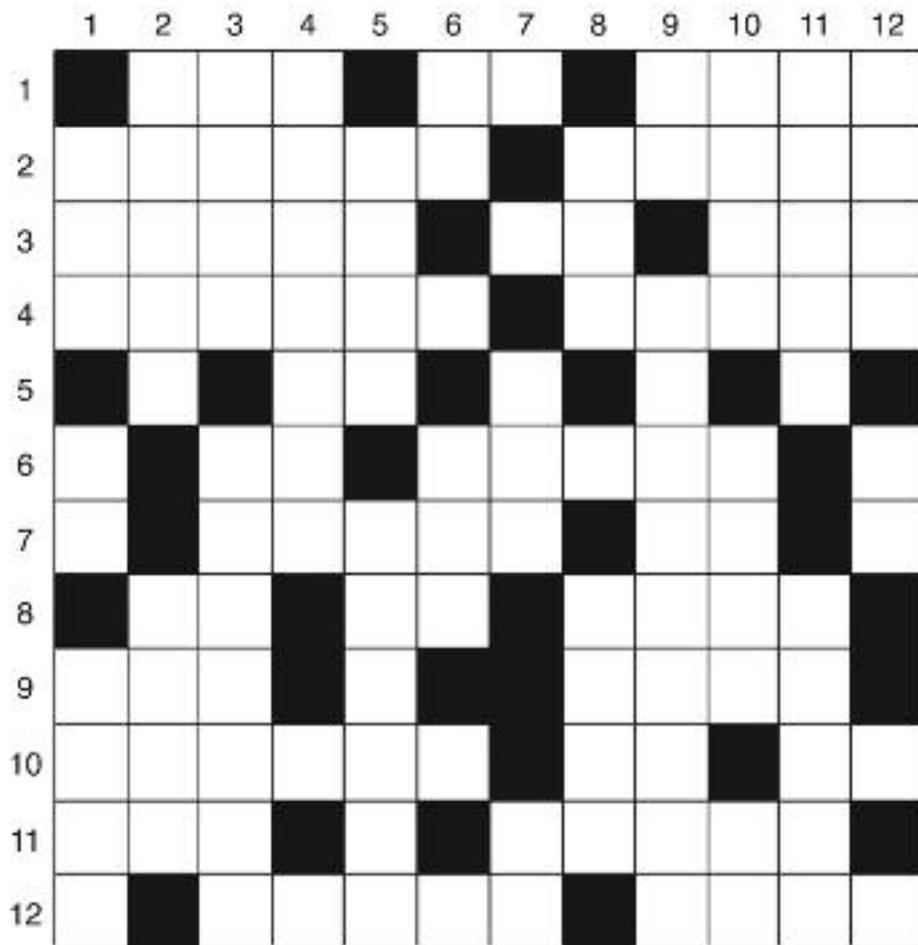


exclusivo

PALAVRAS CRUZADAS

por José Lacerda

Caro leitor(a), convido-o(a) a fazer uma viagem pela sua Bíblia, para resolver estas “cruzadas”. Avalie os seus conhecimentos e ...divirta-se!

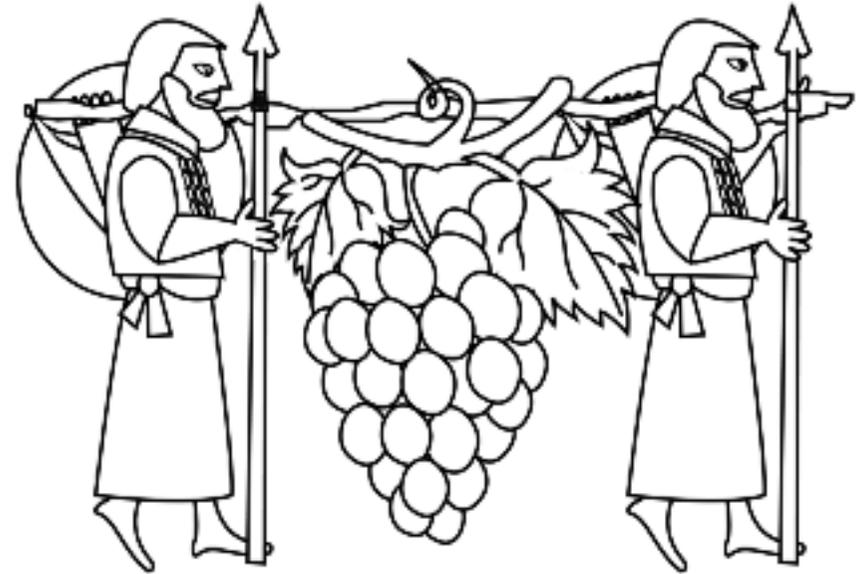
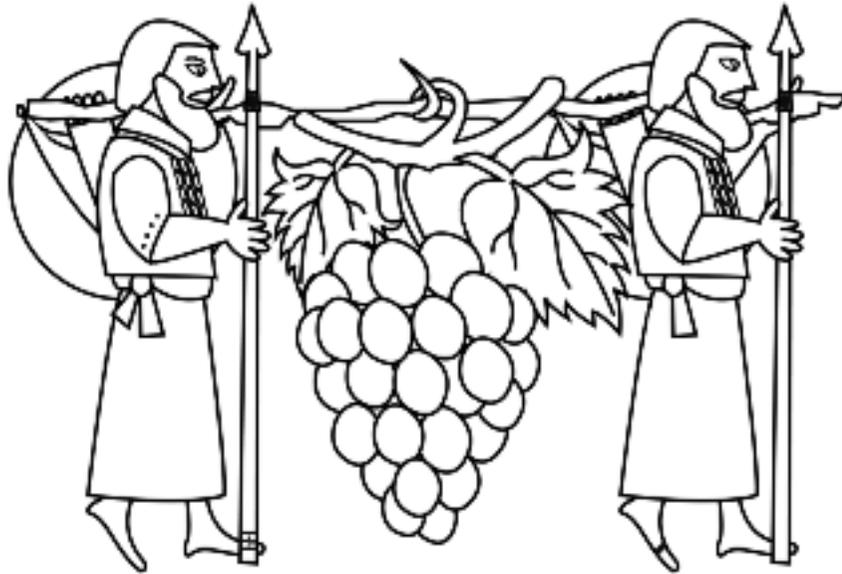


HORIZONTAIS: **1.** Começou a reinar em Judá no vigésimo ano de Jeroboão, rei de Israel; cidade do norte de Israel, dantes chamada Lais (Juizes: 18); arranca. **2.** Ordem dada aos hebreus pelo apóstolo Paulo, a respeito da fé dos pastores; forma como se apresentam os frutos da videira. **3.** É pior do que a tristeza (Eclesiastes: 7) – pl.; com ela, o Senhor limpará a Sua eira; foi criado por Deus no quarto dia. **4.** Palavra usada pelo evangelista para descrever a angústia de Jesus, quando orava no Getsemani; Jesus disse que são poucos os ceifeiros para ela. **5.** Deslocava-se para um lugar. **6.** Antigo Testamento; termo que Tertulo usou para classificar o apóstolo Paulo, quando proferiu o discurso de acusação contra ele no tribunal do governador Félix. **7.** Confusão; depois de Cristo. **8.** Cidade tomada e destruída por Josué; existes; pequena parte esférica que se separa de um líquido (inv.^o). **9.** Na sétima visão que Zacarias teve, uma mulher estava assentada no meio dela; caminho. **10.** Cercar; juntando “ando”, é sinónimo de meigo, manso; juntando “gaz” é sinónimo de perspicaz, astuto. **11.** Vogais de “agastar”; filho de Ló e da sua filha primogénita. **12.** O que, dividido contra si mesmo, é devastado (Mateus: 12); sogro de Caifás (João: 18) – inv.^o.

VERTICAIS: **1.** O que o salmista pede a Deus que retire de sobre nós (Salmos: 85); cinquenta e cinco em numeração romana; irmão gémeo de Jacó. **2.** O que Abraão era em relação a Deus (Tiago: 2); irmã, a quem também é dirigida a carta que o apóstolo Paulo escreveu a Filemon. **3.** O que é bom e deve ser guardado, juntamente com a sabedoria (Provérbios: 3); sacerdote afastado do seu cargo por Salomão e desterrado para a sua terra natal. **4.** Pasmada. **5.** Região onde estavam situadas as sete igrejas a quem o apóstolo S. João dedicou o “Apocalipse”; filho de Ló e da sua segunda filha, pai dos filhos de Amom. **6.** Quinhentos e um em numeração romana; são ligeiros para derramar sangue (Romanos: 3). **7.** É menos doce do que as palavras do Senhor (Salmos: 119); Deus anunciou a Moisés a morte de todos os primogénitos, desde o primogénito de Faraó até ao primogénito da serva que estava ao pé dela. **8.** São a beleza dos velhos (Provérbios: 20); se é de homens, se desfará (Actos: 5) – inv.^o. **9.** Saudável; aquilo que impressionou os espiões que Moisés enviou à terra de Canaã, nos homens que a habitavam (Números: 13) – pl. **10.** Filha de Calebe (Josué: 15); nome que passou a ter Esaú, depois de ter comido do guisado que o seu irmão tinha feito; iniciais do nome de um dos doze provedores de Israel, casado com Tafate, filha de Salomão (I Reis: 4). **11.** O salmista diz que ele pode durar uma noite (Salmos: 30); território fértil, na parte oriental do Baixo-Egipto, onde Jacó e os seus filhos habitaram. **12.** Nome de uma meretriz usado alegoricamente para designar Samaria (Ezequiel: 23); quinhentos e cinquenta em numeração romana.

PASSATEMPOS BÍBLICOS

AS 12 DIFERENÇAS



HUMOR ou COISA SÉRIA

“JESUS TE AMA”

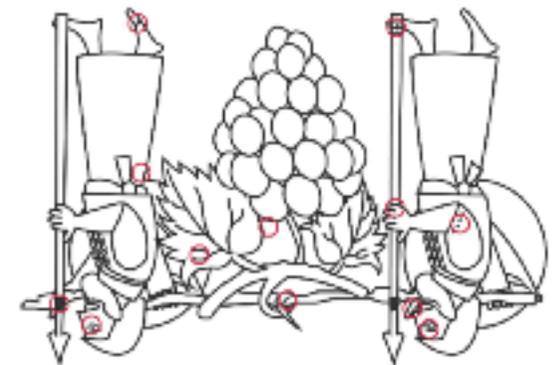
SOLUÇÃO

Incomodado com o seu próprio temperamento um crente procurou um ancião para ouvir os seus conselhos e obter alguma ajuda.

- Irmão, que devo fazer quando estou a conduzir e fico nervoso e me apetece dizer umas palavras menos próprias?

O ancião coçou a cabeça e respondeu:

- Antes de mais nada deve retirar do carro aquele autocolante que diz: “Jesus te Ama”



encontros
com Jesus

ZAQUEU!

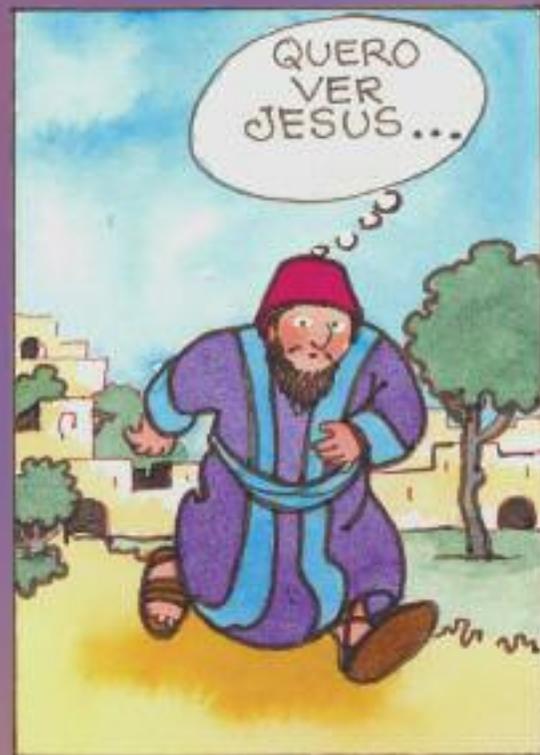
por OLÍVIA
Fletcher

Lucas.19, 1 a 10

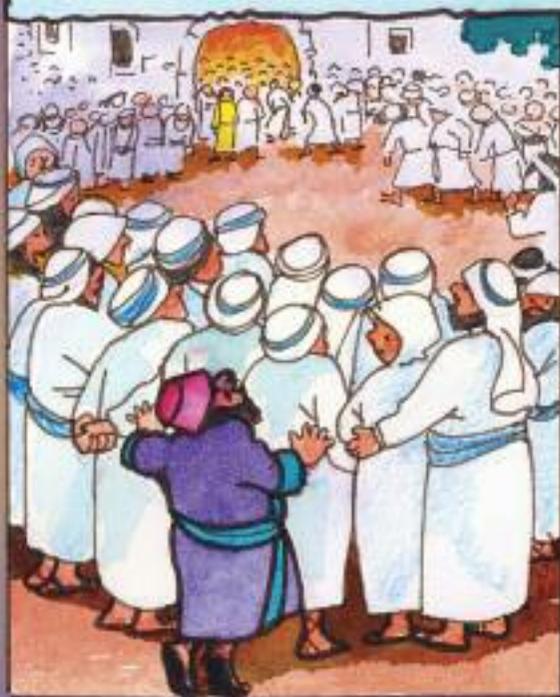
TINHA JESUS
ENTRADO EM
JERICÓ
E IA PASSANDO...

HAVIA ALI UM
HOMEM CHAMADO
ZAQUEU;
PUBLICANO
CHEFE
DAS FINANÇAS
E ERA RICO.

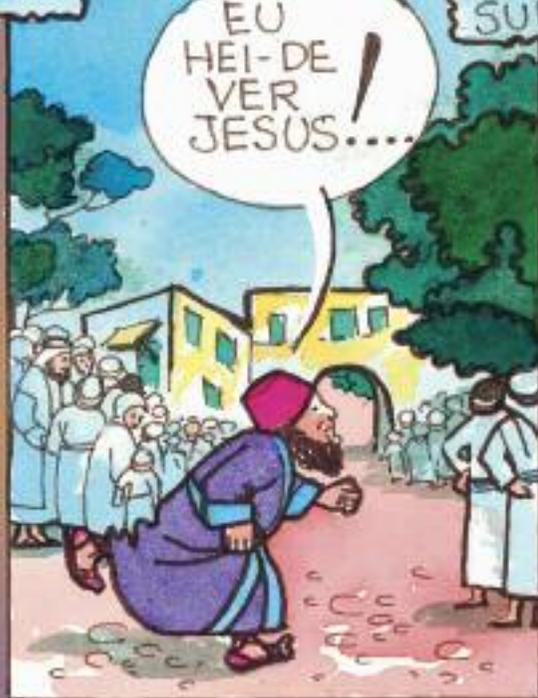
E DESEJAVA
MUITO VER
JESUS...



MAS... ZAQUEU ERA BAIXO...



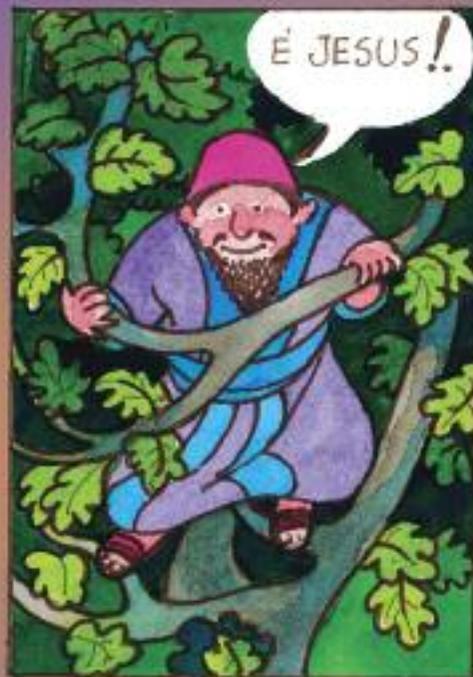
EU HEI-DE VER JESUS!...



...CORREU À FRENTE E SUBIU A UMA FIGUEIRA



encontros
com Jesus
ZAGUEG!



encontros
com Jesus
ZAGUEG!



FICHA TÉCNICA 159

Periódico trimestral visando a informação e edificação do povo de Deus

Propriedade

Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal (CIIP)
Internet: www.ciip.net
E-mail: geral@ciip.net



As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem Igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda eminente do Senhor Jesus em glória, e

no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

Comissão

Administrativa e Editorial

Eliseu Alves, Helena Sequeira, e Osvaldo Castanheira

Endereço

Jornal Refrigério
Rua das Eiras, 22
2725-299 Mem Martins

E-mail: geral@refrigerio.net

Redação

Luis Pereira

Design Gráfico e Paginação

Refrigerio Impresso e Refrigerio Online
Osvaldo Castanheira

Edição Notícias

Helena Sequeira

Revisão de Textos

Cristina Calaim

Capa deste número

Osvaldo Castanheira

Versão digital

<http://www.refrigerio.net>

Depósito Legal : 21.402/88

ISSN: 2182-617X (impresso)
2182-6188 (em linha)

Sustentado através de ofertas voluntárias

Finanças

Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério.

Envie a sua oferta para

NIB 0035 2145 0001 7614 9309 2

(Departamento Missionário) com a especificação do destino da oferta: "Revista Refrigério".

© Copyrights

Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. À Comissão de Publicações do Departamento de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

ATENÇÃO

NOVO ENDEREÇO
para correspondência

Jornal REFRIGÉRIO

Rua das Eiras, 22

2725-299 Mem Martins

Algumas fotos ou imagens desta revista poderão ter sido retiradas da net sendo desconhecida alguma interdição à sua utilização. Caso alguma esteja sujeita a direitos autorais, agradecemos que nos contacte para solicitarmos autorização ou procedermos à sua remoção.